

O CÔNSUL DE BORDÉUS
guião de
João Correia & António Torrado
e
João Nunes

Versão de
24 de Julho de 2009

@ Take 2000

FADE IN:

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS - DIA

Uma orquestra sinfónica ensaia uma ária da ópera de António Salieri "Europa Riconosciuta". A sala de espectáculos do teatro Sá de Miranda está vazia, à excepção de meia dúzia de pessoas que trabalham a substituir lâmpadas, afinar o jogo de luzes, arranjar uma cadeira, etc.

COMEÇA O GENÉRICO

Os músicos da orquestra, um grupo heterogéneo vestido informalmente, são dirigidos pelo maestro FRANCISCO DE ALMEIDA, 76 anos, alto e elegante, a cabeça nobre coroadada por uma cabeleira grisalha densa e desalinhada. A MÚSICA estende-se sobre as cenas que se seguem.

EXT. VIANA DO CASTELO - POUSADA DE SANTA LUZIA - DIA

ALEXANDRA SCHMIDT, uma morena bonita de 35 anos, vestida de forma elegante, sai da recepção da Pousada de Santa Luzia, um elegante edifício situado perto do Santuário do mesmo nome. Caminha apressadamente mas ainda pára para observar...

... a vista magnífica de rio e mar que se pode desfrutar do cimo do monte onde a pousada se situa.

Um motorista abre-lhe a porta de um táxi.

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS - DIA

Francisco de Almeida dirige o ensaio como se a sala estivesse numa noite de gala. De olhos fechados, coloca toda a sua alma em cada nota que arranca dos instrumentos dos executantes.

EXT./INT. TÁXI - DIA

O táxi percorre a estrada sinuosa que desce do monte em direcção à cidade, pelo meio de matas densas.

Alexandra consulta um elegante bloco de notas de capa de couro.

INT. SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS - DIA

A SOPRANO que canta a ária, inspirada pela emoção que Francisco de Almeida imprime ao ensaio, atinge com precisão as notas mais altas do exigente tema.

EXT./INT. TÁXI - DIA

Alexandra desvia o olhar das suas notas para observar as ruas da cidade, que fervilham de actividade aquela hora.

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS - DIA

O DIRECTOR DE CENA (50s) observa o ensaio conferindo uma prancheta com notas de cena e conferindo nervosamente todos os pormenores.

EXT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - DIA

O táxi estaciona em frente ao charmoso edifício do teatro Sá de Miranda.

Alexandra desembarca do táxi e, enquanto paga a conta, olha para a fachada do teatro.

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS - DIA

Estamos quase no final da ária. O maestro Francisco de Almeida abre os olhos e parece fitar individualmente cada um dos músicos da orquestra.

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - GRANDE ÁTRIO DE ENTRADA - DIA

Alexandra atravessa o átrio do teatro Sá de Miranda.

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS - DIA

Alexandra entra na sala de espectáculos a tempo de assistir aos últimos acordes da ária. Fica parada na entrada, recortada contra a grande porta.

FIM DO GENÉRICO

O director de cena repara na recém chegada e dirige-se para ela, ao mesmo tempo que Francisco de Almeida termina a interpretação.

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - CAMARIM - DIA

Um camarim luxuoso, com um grande espelho, sofás espaçosos, canto com mesa baixa. Uma mesa longa de ébano, coberta com uma toalha de seda escarlata exhibe, entre diversos objectos pessoais, uma batuta de maestro e várias molduras em prata com retratos antigos.

LEGENDA: Teatro Sá de Miranda - Viana do Castelo - Portugal

Francisco de Almeida serve um copo de whisky de uma garrafa de cristal enquanto seca o rosto e o pescoço com uma toalha.

O director de cena espreita pela porta.

DIRECTOR DE CENA
Maestro, desculpe incomodá-lo,
mas chegou a jornalista de
Lisboa. Para a entrevista...

Francisco de Almeida olha o relógio, desagradado. Quando fala, o seu sotaque denuncia a sua nacionalidade brasileira.

FRANCISCO DE ALMEIDA
Marcamos para hoje?

DIRECTOR DE CENA
Foi sim, maestro...

O maestro suspira e bebe mais um trago do seu whisky. O director de cena abre a porta, dando passagem a Alexandra.

Francisco de Almeida observa a jornalista enquanto esta entra no camarim.

FRANCISCO DE ALMEIDA
Faça favor...

ALEXANDRA
Obrigado por me receber,
maestro.

FRANCISCO DE ALMEIDA
Eu é que agradeço. Veio de tão
longe.

ALEXANDRA
Não podia perder a oportunidade.

FRANCISCO DE ALMEIDA
E o seu nome é?

ALEXANDRA
Desculpe, Maestro. Alexandra
Schmidt.

Estende a mão a Francisco, que a aperta.

FRANCISCO DE ALMEIDA
(brincando)
Francisco de Almeida.

O maestro mantém a mão de Alexandra agarrada por um instante a mais do que seria normal. Depois solta-a.

FRANCISCO DE ALMEIDA
Toma um drink... uma água?

ALEXANDRA

Não, obrigada.

Francisco bebe um golo do seu copo e observa a jornalista.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Já conhecia este teatro?

ALEXANDRA

Não, ainda não.

FRANCISCO DE ALMEIDA

É magnífico, não é?

(pausa)

Foi aqui que eu assisti ao meu primeiro concerto, em 1940. Foi aqui que decidi ser maestro.

Alexandra tira o seu bloco de notas e sorri.

ALEXANDRA

Já estamos na entrevista?

Francisco retribui o sorriso.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Ainda não. Até porque eu vou lhe fazer uma proposta desonesta. Porque não fazemos a entrevista durante o jantar?

ALEXANDRA

Jantar...?

FRANCISCO DE ALMEIDA

Aqui perto há um restaurante muito bom que eu não me importaria de visitar de novo. Para mais na companhia de uma moça tão graciosa...

INT. RESTAURANTE - NOITE

Um empregado serve vinho a Alexandra.

Francisco de Almeida e a jornalista estão num canto mais reservado de um restaurante tradicional da região. O maestro tem o menu na mão e colocou uns óculos de leitura.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Recomendo o cabrito assado no forno. É divinal.

ALEXANDRA

Confio em si, maestro...

(pausa)

Podemos começar?

Coloca o seu bloco de notas em cima da mesa, tentando conferir um cariz profissional ao jantar. Francisco de Almeida sorri. Faz sinal ao empregado.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Vamos no cabrito.
(para Alexandra)
Estou pronto.

Alexandra bebe um golo de vinho, sorri e agarra na sua elegante caneta de tinta permanente.

ALEXANDRA

Então... bom... o seu nome verdadeiro não é Francisco de Almeida, pois não? É Aaron Apelman?

Francisco observa-a em silêncio por um instante. Não era a pergunta que esperava.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Onde descobriu isso?

Alexandra retira um recorte do New York Times, dobrado e amarelado pelo tempo, de dentro do seu bloco e empurra-o por cima da toalha na direcção do maestro.

ALEXANDRA

Foi aqui...

O maestro não agarra no papel e Alexandra acaba por recolhê-lo de novo.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Essa entrevista é muito antiga. Surpreende-me que a tenha encontrado.

ALEXANDRA

Também foi uma surpresa para mim. Porque é que o seu nome de nascimento não consta na sua biografia oficial?

Francisco de Almeida volta a olhá-la, agora perdido nos seus pensamentos.

FLASHBACK - EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - NOITE (1940)

Um homem maduro, cabelos prateados, de olhar profundo, manda parar um carro que se aproxima. Viremos a saber mais tarde que é ARISTIDES DE SOUSA MENDES, cônsul de Portugal em Bordéus.

Para já vemos apenas que está de mão dada com um garoto de oito anos, AARON APELMAN, rosto vivo e inquieto.

O carro pára. No interior segue UM CASAL na casa dos trinta anos, e o veículo está cheio de malas e de objectos diversos.

Sousa Mendes empurra Aaron para dentro do carro, mas o rapaz tenta resistir. Não ouvimos as palavras que se trocam, apenas assistimos ao abraço forte que o garoto dá ao homem mais velho, tentando adiar a separação.

Finalmente a porta do carro fecha-se e este arranca. Pela janela do carro que se afasta, Aaron observa o cônsul, que faz um aceno de adeus.

FIM DO
FLASHBACK

INT. RESTAURANTE - NOITE

Francisco de Almeida acorda dos seus pensamentos.

FRANCISCO DE ALMEIDA

É uma história muito longa, e duvido que interesse aos seus leitores.

ALEXANDRA

Interessa-me a mim. Muito...

Alexandra fita o maestro, em expectativa.

Francisco de Almeida bebe um golo do seu vinho. O seu rosto concentrado é um palco de emoções contraditórias. Depois decide-se.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Nasci Aaron Apelman, na Polónia, em 1932.

FLASHBACK - INT. CASA DE BERCHEM - SALA - DIA (1940)

ESTHER (19 anos), uma jovem débil, cabelos muito negros, de uma beleza triste, está sentada à mesa de uma sala de jantar ao lado de Aaron.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

Tinha uma irmã mais velha, Esther, que nasceu em 1921.

Aaron está de joelhos sobre um sofá e, debruçado sobre a mesa, mordisca a ponta do seu lápis enquanto olha para um caderno coberto de números.

LEGENDA: Berchem - Bélgica

LEGENDA: 20 de Maio de 1940

Os sons desta cena, e das seguintes, incluindo os DIÁLOGOS EM YIDISH entre os dois irmãos (ad lib) ouvem-se abafados pela voz do maestro.

INT. CASA DE BERCHEM - OFICINA - DIA

Numa pequena oficina caseira SAMUEL APELMAN (43 anos), homem de aspecto enérgico, está a desbastar um diamante num torno de lapidário.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

O meu pai, Samuel Apelman, trabalhava na lapidação de diamantes; era um sindicalista muito activo. A minha mãe, Olga, era dona de casa.

INT. CASA DE BERCHEM - SALA - DIA

No outro extremo da mesa onde Esther ajuda Aaron, a mãe, OLGA (39 anos), mulher de expressão tranquila, está a passar meias. Ao seu lado está um cesto de costura.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

Vivíamos nos arredores de Anvers, uma boa vida. Tinha acabado de fazer 8 anos quando a Bélgica foi invadida pelos nazis e tivémos de fugir.

O UIVO DE UMA SIRENE sobrepõe-se à voz de Francisco de Almeida. Esther e Aaron sobressaltam-se. Samuel surge à porta da sala e Olga levanta-se.

O som da SIRENE mistura-se com o APITO DE UM COMBOIO prestes a partir.

EXT. CAIS DA ESTAÇÃO - DIA

O APITO do comboio prolonga-se sobre uma imagem de caos e desespero: passageiros empurram-se para entrar no comboio; pessoas agarradas às janelas; um funcionário nega a passagem a uma MULHER JOVEM com um BEBÉ ao colo.

Esther e Aaron estão já no interior do comboio, debruçados da janela do seu compartimento.

Olga e Samuel, no meio da confusão, estão a dar as últimas instruções aos filhos.

OLGA

(em francês)

Cuidado com os teus medicamentos, Esther, e com o dinheiro.

Esther aperta um SACO DE PELE contra o peito. Aaron encosta-se a ela.

ESTHER

Estão aqui, mãezinha.

O comboio APITA de novo. Samuel, lutando para não ser arrastado pelas pessoas que tentam desesperadamente entrar no comboio, estende um PAPEL para Esther.

SAMUEL

Quando chegarem a Bordéus,
procurem essa morada. Fiquem lá
até nós chegarmos.

Aaron observa tudo, profundamente apreensivo, mas tentando manter a coragem. A mãe estende a mão na sua direcção. Esther e Aaron também estendem os braços para fora da janela, e os dedos afloram os dedos de Olga.

Um TERCEIRO APITO. O comboio começa a andar, muito lentamente. Esther agarra a mão da mãe, como se não a quisesse largar.

ESTHER

Mãe...

SAMUEL

Tenham coragem.

A mulher jovem corre ao lado de Olga e Samuel, estendendo o bebé na direcção de Esther.

MULHER JOVEM

Salvem o meu filho. Por favor...

Ergue a criança para eles e Esther espontaneamente agarra nela. O bebé começa a chorar nos braços de Esther.

O comboio começa a andar mais depressa. A mulher estende uma BOLSA na direcção dos dois irmãos, que Aaron segura.

MULHER JOVEM

Os documentos...

INT. CORREDOR DO COMBOIO - DIA

Aaron encosta-se à janela, espreitando para fora.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

Naquela altura não suspeitava
que era a última vez que veria
os meus pais.

Olga, Samuel e a mulher jovem ficam no cais a olhar para o comboio que se afasta. Samuel faz um adeus seco aos filhos, passando o braço por cima do ombro de Olga.

Aaron vira-se para o interior. Esther, com a criança nos braços, está entalada entre tanta gente de pé que não se vêem as pessoas que estão sentadas. Resignada, Esther abana a criança que não pára de choramingar. Um passageiro sentado chega-se para o lado para dar lugar a Esther e Aaron.

ESTHER

Não chores, bebé. Não chores...

INT. COMPARTIMENTO DO COMBOIO - MAIS TARDE

A criança parou de chorar e dorme agora tranquilamente. Esther acaricia-lhe o cabelo com ternura. Aaron abre a bolsa dos documentos da criança e mexe em alguns papéis.

AARON

Moshe... o nome dele é Moshe Abramovich.

ESTHER

Mostra-me...

Aaron estende-lhe o papel e continua a mexer na bolsa. A irmã devolve-lhe o papel.

ESTHER

Não mexas nisso. Não é nosso.
(para o bebé)
Pobre Moshe...

Aaron arruma os papéis na bolsa e volta a fechá-la. Depois o garoto encosta a cabeça à janela suja e fica a ver a paisagem belga a desfilar a grande velocidade em direcção à noite.

EXT. ESTAÇÃO DE ST. JEAN EM BORDÉUS - NOITE

Uma multidão de passageiros sai da estação dos comboios de Bordéus, espalhando-se pelas ruas em redor. No meio deles destacam-se Esther, com o bebé ao colo e o seu saco, e Aaron, que arrasta com dificuldade uma mala pesada demais para ele.

LEGENDA: Bordéus - França

Os dois irmãos olham em redor, indecisos sobre a direcção a tomar. Depois começam a descer as escadarias.

EXT. RUA DE BORDÉUS - MADRUGADA

Irmão e irmã, arrastando a mala, caminham por uma rua iluminada pela luz da alvorada. Esther, cansada com o peso do bebé, compara a morada no papel com uma placa na parede de um prédio.

Um homem apressado passa por eles.

ESTHER

Por favor...?

Mostra-lhe um pedaço de papel. O homem faz um gesto vago na direcção do fim da rua.

HOMEM APRESSADO

Sim, sim.

O homem continua o seu caminho. Esther e Aaron voltam a caminhar na mesma direcção.

EXT. UMA OUTRA RUA DE BORDÉUS - MANHÃ

Aaron está sentado em cima da sua mala, visivelmente fatigado.

Olha para Esther que, no outro lado da rua, de bebé ao colo, mostra o papel a um comerciante que está a abrir a porta do seu estabelecimento. O homem dá-lhe algumas explicações e Esther agradece. Olha para Aaron e faz-lhe sinal para atravessar.

Aaron, exausto, levanta-se e começa a puxar a mala.

O comerciante observa-os a afastar-se meneando tristemente a cabeça.

EXT. RUA VAZIA EM BORDÉUS - DIA

Esther está de pé em frente da porta de um prédio modesto. Tem o papel na mão e olha para o número 10 por cima da entrada.

ESTHER

Só pode ser aqui.

Aaron está sentado na mala, com o bebé ao colo.

AARON

Toca outra vez.

Esther carrega novamente no botão da CAMPAINHA da porta, que se ouve abafadamente no interior. Nada acontece. Insiste novamente, deixando a campainha a TOCAR.

Um janela do 1º andar abre-se e uma MULHER DESGRENHADA espreita, agressiva.

MULHER DESGRENHADA

O que é que vocês querem?

ESTHER

O senhor e a senhora Vashem não estão?

MULHER DESGRENHADA

Foram-se embora. Ontem ou anteontem...

Aaron olha aflito para a irmã.

ESTHER

Embora?! Mas... para onde?

MULHER DESGRENHADA

Como é que eu hei de saber? E
parem de tocar essa campainha!

A mulher bate com a janela, deixando os dois irmãos abandonados na rua. Esther vem agarrar no bebé, evitando o olhar preocupado de Aaron.

AARON

O que é que fazemos, Esther?

ESTHER

Não sei, não sei...

O bebé acorda e começa de novo a CHORAR. Esther abana-o, nervosa.

ESTHER

Não chores, Moshe. Não chores!

O bebé não se cala e Esther começa também a CHORAR. Aaron vem abraçar a irmã.

AARON

Vai ficar tudo bem.

Esther abana o bebé e abraça o irmão, tentando recompor-se, mas não consegue parar de chorar.

INT. POSTO DOS CORREIOS DE BORDÉUS - DIA

O rosto de uma FUNCIONÁRIA do posto telefónico, enquadrado pelo guichet, espreita para a sala.

FUNCIONÁRIA

Quem espera uma chamada telefónica para Anvers?

Aaron e Esther, com o bebé ao colo, levantam-se precipitadamente. Esther esquece-se do seu saco de mão em cima do banco. Há poucas pessoas no posto dos correios.

ESTHER

Somos nós!

FUNCIONÁRIA

Ninguém responde, menina.

ESTHER

Já tentou várias vezes?

FUNCIONÁRIA

(rude)

Sim, mas ninguém atende.

Esther e Aaron não escondem a decepção.

FUNCIONÁRIA

(para a sala)

Vamos fechar!

A funcionária baixa a janela de guilhotina do guichet e abandona o seu posto. Esther e Aaron olham-se desiludidos. Esther apercebe-se subitamente de que já não tem o saco. Olha em redor.

O banco onde estavam sentados ESTÁ VAZIO.

ESTHER

O saco!

AARON

Que saco?

Esther olha à sua volta. As pessoas que ainda estão nos correios estão alheias ao drama. Estende o bebé para Aaron.

ESTHER

Fica com ele!

Esther corre para a porta e sai dos correios.

AARON

(chamando-a)

Esther!

Corre atrás da irmã mas, nesse momento, uma mulher gorda com um cesto na mão entra nos correios e bloqueia a passagem. Acaba por se afastar, indignada com a pressão do garoto, e Aaron sai para a rua.

AARON

(gritando)

Esther! Esther!

EXT. RUA DE BORDÉUS - TARDE

Ao sair precipitadamente dos correios, Aaron, de bebé ao colo, vai contra alguns transeuntes que observam uma coluna de TRÊS CAMIÕES militares.

Os poucos soldados franceses que conseguimos ver através da cobertura de tela dos camiões têm um ar resignado, apoiados nas suas espingardas.

A atmosfera está longe de ser eufórica. A multidão, sobretudo operários, alguns rapazes e mulheres do povo, estão carrancudos. Alguns saúdam o cortejo com a mão, mas os soldados não se mexem.

Aaron tenta em vão atravessar aquela muralha humana. As pessoas olham para ele, incomodadas.

AARON

Esther! Esther!

Aaron pára no meio do passeio, hesitante, sem saber para onde ir. Olha para todos os lados, perdido. Ninguém lhe presta atenção.

AARON
 (a meia voz)
 Esther... Esther...

FIM DO
FLASHBACK

INT. RESTAURANTE - NOITE

Alexandra observa Francisco de Almeida com atenção. A jornalista já pousou a caneta e não está a tomar mais notas. Parte do prato de carne ainda está intacto à sua frente.

FRANCISCO DE ALMEIDA
 Não vai comer mais?

ALEXANDRA
 Não. Estava delicioso, mas...
 (pausa)
 A sua irmã... desapareceu?

O maestro demora um instante antes de responder.

FRANCISCO DE ALMEIDA
 Sim. Ninguém a viu, ninguém sabia dela - era como se nunca tivesse existido.

Alexandra engole em seco.

ALEXANDRA
 E o maestro... o que é que fez?

FRANCISCO DE ALMEIDA
 O que a minha mãe me tinha ensinado. Segui em frente. Entreguei-me a Deus e segui em frente.

FLASHBACK - EXT. RUA DO CONSULADO PORTUGUÊS - DIA

Um número elevado de pessoas aglomera-se à entrada de um edifício que, viremos a perceber, é o consulado português em Bordéus. Muitos deles, reconhecemo-lo pela roupa, penteados e traços faciais, são judeus como Aaron.

Aaron, bebé ao colo e arrastando a pesada mala com extrema dificuldade, entra na rua do Consulado. Moshe não pára de chorar.

O garoto olha para o grupo e continua a andar, exausto. A sua figura singular chama a atenção de um homem de 45 anos, magro, estatura elevada. É um rabino, ISAAC KRUGER, e dirige-se a Aaron.

RABINO KRUGER
 Bom dia.

AARON

Bom dia, senhor.

Isaac Krueger faz um carinho no rosto do bebé, que chora sempre.

RABINO KRUGER

O teu irmãozinho... está com fome?

AARON

Deve ser, senhor.

O rabino olha em redor.

RABINO KRUGER

E os teus pais? Estão aqui...?

AARON

Não, senhor. Estou só.

A resposta intriga o rabino Krueger, mas antes de poder continuar a interrogar o garoto, surge à porta do consulado um funcionário. É JOSÉ SEABRA, 35 anos, aspecto de burocrata, com um tique nervoso que o caracteriza: estende frequentemente o pescoço num movimento ondulante e espasmódico, como se o colarinho da camisa o apertasse.

SEABRA

Rabino Krueger?!

O rabino olha para Seabra, depois para Aaron.

SEABRA

O rabino Krueger está aqui?

RABINO KRUGER

Sou eu!

(para Aaron)

Deixa a mala e acompanha-me.

(para outro homem)

Toma conta desta mala.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

Sala vasta e luminosa, mas modesta, quase episcopal. Duas varandas dão para a rua. A bandeira da República Portuguesa, quase oculta pelo armário de livros, pende atrás da secretária. O retrato oficial do Presidente português, o general Carmona, e o do primeiro-ministro Salazar estão pendurados na parede. Têm as mesmas dimensões e moldura, mas enquanto que o general Carmona é de corpo inteiro, o de Salazar destaca apenas o perfil do ditador, o que o torna mais proeminente.

Um grande mapa da Europa, preso num quadro de cortiça, orna uma das paredes. Quadrados de papel negro, presos com alfinetes, identificam as áreas já ocupadas pelo exército alemão.

Dossiers a monte na secretária denunciam uma certa desorganização. Vários retratos de família - os pais de Sousa Mendes, os seus filhos, etc. Telefone sobre a secretária, cofre incrustado na parede, meio tapado pela bandeira.

Um catalão de 45 anos, descontraído e exuberante, o PROFESSOR LAPORTE, ergue-se de um dos grandes cadeirões à frente da secretária para receber alguns passaportes das mãos de Aristides de Sousa Mendes, um homem corpulento de 50 anos, cabelos brancos, óculos redondos, fato escuro com a gravata um pouco à banda.

LAPORTE

(em francês, com
sotaque espanhol)

Mil vezes obrigado, Sr. Cônsul.

SOUSA MENDES

(estendendo a mão)

É o meu trabalho, professor.

O catalão retém-lhe a mão, deixando o cônsul embaraçado.

LAPORTE

Temos uma dívida para consigo.
Eu e a minha família nunca o
esqueceremos. Nunca!

O outro homem solta-lhe a mão.

SOUSA MENDES

Se o senhor fosse crente, pedir-
lhe-ia que pensasse em mim nas
suas orações.

Aristides acompanha-o até à porta.

LAPORTE

Ultimamente, Deus não se tem
interessado muito pelos homens.

SOUSA MENDES

Talvez sejam os homens que não
se interessam por Ele... Desejo-
lhe boa viagem, professor.

O professor Laporte sai. No momento em que Sousa Mendes fecha a porta, o seu secretário, Seabra introduz-se no gabinete.

SEABRA

Dá-me licença, Sr. Cônsul.

Encosta a porta atrás de si.

SEABRA

O rabino Krueger...
(incomodado)
... já aqui está.

SOUSA MENDES
(sorrindo)
Então faça-o entrar, homem.

Seabra hesita, como se quisesse dizer qualquer coisa.

SOUSA MENDES
O que foi agora, Seabra?

SEABRA
O senhor cônsul... emitiu visto
para o professor Laporte?

SOUSA MENDES
E família.

SEABRA
(espantado)
Mas, senhor cônsul, ele é da
oposição ao generalíssimo
Franco...

SOUSA MENDES
(encolhendo os
ombros)
O professor Laporte é um bom
homem que fez algumas más
escolhas. A sua família não deve
ser penalizada por isso.

SEABRA
Pode arranjar problemas.

SOUSA MENDES
Acalme-se. A responsabilidade é
minha; você não sabe de nada.
Agora - faça lá entrar o rabino.

Seabra hesita como se tivesse mais alguma coisa a
dizer, mas depois faz um sorriso forçado, baixa
ligeiramente a cabeça e retira-se.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - MAIS TARDE

Sousa Mendes, agora sentado, sorri francamente para os
seus interlocutores, o rabino Krueger e Aaron, que
ainda tem o bebê Moshe ao colo.

SOUSA MENDES
São seus filhos?

RABINO KRUGER
Não, não... Graças a Deus - já
tenho a minha conta.
(sério)
São... refugiados como eu
próprio... vítimas desta guerra
horrível.

Sousa Mendes acena afirmativamente, compreensivo.

SOUSA MENDES

De certa forma, todos somos vítimas. A minha mulher e os meus filhos, tive de os mandar para Lisboa.

(sorri)

Tenho catorze, sabe?

RABINO KRUGER

Catorze filhos?!

SOUSA MENDES

E estou com saudades de cada um deles. Só os dois mais velhos ficaram por cá.

Os dois olham por um momento para Aaron.

RABINO KRUGER

Sem querer faltar-lhe ao respeito, senhor cônsul, mas nesta guerra alguns são mais vítimas do que os outros. Se me acompanhar à sinagoga vai ver as condições em que as pessoas se encontram. E não param de chegar, todos os dias.

SOUSA MENDES

Sinceramente, não sei como o poderei ajudar, rabino.

RABINO KRUGER

Emitindo vistos para essa gente toda, senhor cônsul.

SOUSA MENDES

Isso é impossível. Vai contra as instruções do meu próprio governo. Por vezes abro excepções, mas em casos isolados... e por razões estritamente humanitárias.

RABINO KRUGER

E onde começa e acaba a sua humanidade, senhor cônsul?

O olhar dos dois homens encontra-se. O rabino pousa a mão em cima de Aaron.

RABINO KRUGER

Este garoto chama-se Aaron. Aaron Apelman. Devia ouvir a história dele. Tem oito anos, perdeu a irmã, o passaporte, o dinheiro, mas continua a cuidar deste bebé, Moshe Abramovich, um bebé que há 24 horas ele nem sequer conhecia.

(pausa)

Esta guerra coloca-nos grandes desafios, senhor cônsul. Será que todos vamos estar à altura?

Sousa Mendes desvia a vista do olhar de Aaron. As palavras saem-lhe da boca com dificuldade.

SOUSA MENDES

Lamento, rabino, mas não posso contrariar as instruções do governo que eu represento.

EXT. FACHADA DA SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

A frase "Ama o próximo como a ti próprio", escrita em caracteres hebraicos, orna a fachada da sinagoga de Bordéus.

Aaron e o rabino Krueger chegam esgotados à sinagoga. O rabino, que carrega a mala do rapazinho, empurra a porta do templo.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

Aaron, carregando Moshe, penetra na penumbra da sinagoga. De olhos muito abertos, vê refugiados deitados no chão, no meio de toda a espécie de bagagens, numa confusão de dormitório improvisado. Algumas pessoas caminham por entre os que ainda estão deitados.

O olhar de Aaron detém-se sobre um pequeno grupo de pai, mãe e dois rapazinhos. O seu olhar enche-se de tristeza.

RABINO KRUGER

Vem comigo, Aaron.

Aaron segue o rabino pelo meio das camas e colchões, malas e baús de viagem, de pessoas que conversam em surdina e outras que dormem. O rabino vai cumprimentando as pessoas com quem se cruzam.

Chegam a uma mesa onde a sua mulher, SARAH, 32 anos, discreta e muito singela, ajudado por duas raparigas, serve café com uma concha. Está a formar-se uma fila disciplinada. Sarah repara em Aaron e no bebé.

RABINO KRUGER

Aaron, esta é a minha mulher, Sarah.

Aaron acena afirmativamente com a cabeça.

SARAH

E o teu mano, como se chama.

AARON

Moshe, mas não é meu mano.

Sarah olha o marido, com curiosidade, mas o rabino faz um gesto como quem diz que depois explica tudo. Retira Moshe dos braços de Aaron.

RABINO

O Moshe deve estar com fome,
Sarah. Não queres cuidar dele?

Sarah agarra no bebé, com a prática forjada no carinho. Afasta-se.

SARAH

Olá, Moshe. Que lindo bebé tu
és...

RABINO KRUGER

(para Aaron)
E tu, também estás com fome?

Aaron encolhe os ombros.

RABINO KRUGER

Antes de mais, vais comer e
descansar. Depois procuraremos a
tua irmã.

O rabino vira-se para uma das raparigas, que lhe serve uma chávena fumegante de café, enquanto a outra prepara um pão com manteiga.

Aaron olha em redor. A fila de refugiados estende-se agora até à porta da sinagoga.

RABINO KRUGER

Toma - aqui tens.

Dá o café e o pão ao miúdo. Aaron nem agradece. Atira-se à comida com sofreguidão.

INT. CONSULADO - ATENDIMENTO - DIA

Vários refugiados esperam em fila, atendidos por um homem alto e magro. É AMORIM (35), um funcionário do consulado.

O cônsul Sousa Mendes consulta um livro de registos em cima do balcão. Seabra aproxima-se dele, respeitoso.

SEABRA

Senhor cônsul...

SOUSA MENDES

Diga, Seabra.

SEABRA

Se não é indiscrição - posso
saber o que pretendia o rabino
Krueger?

SOUSA MENDES
 Não é difícil de adivinhar, pois
 não?

SEABRA
 Mas o senhor cônsul não...?

Sousa Mendes fecha o livro e olha o secretário. Amorim, discretamente, presta atenção à conversa entre os dois superiores.

SOUSA MENDES
 Não, Seabra. Eu não...

SEABRA
 É que a circular 14...

SOUSA MENDES
 Eu sei muito bem o que diz a
 circular 14.

Aponta os refugiados com a cabeça.

SOUSA MENDES
 Só não sei é como explicar isso
 a esta gente.

INT. RECANTO DA SINAGOGA - MAIS TARDE

Sarah está com Moshe ao colo, dormindo. O rabino tira o cobertor da cama de um dos seus filhos. Aproxima-se de Aaron, que também dorme profundamente num colchão encostado à parede. O rabino Krueger observa-a ao lado da cama.

SARAH
 (sorridente)
 Agora temos sete filhos.

RABINO KRUGER
 (quase profético)
 Haverá muitos mais.

Sarah olha-o, pensativa.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - NOITE

A sinagoga está agora às escuras. Um único candeeiro ilumina a pequena mesa onde o rabino Isaac está a trabalhar, por entre todo o tipo de papéis.

Reina o silêncio. Corpos adormecidos, ligeiros murmúrios aqui e ali, um gemido, uma respiração mais profunda.

INT. RECANTO DA SINAGOGA - NOITE

Aaron acorda sobressaltado sem saber onde está. Olha em redor. Toda a família do rabino dorme. Aaron levanta-se às escondidas.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - NOITE

Colado às paredes e tentando não acordar ninguém, Aaron avança com os sapatos na mão.

O rabino Kruger ergue a cabeça e vê Aaron esgueirar-se por entre as camas. Levanta-se e segue-o, também em silêncio.

Aaron chega à porta da sinagoga, mas esta está fechada.

RABINO KRUGER (O.S.)

Aaron, onde vais?

Surpreendido, Aaron volta-se. O rabino aproxima-se dele.

AARON

Procurar a minha irmã.

RABINO KRUGER

A porta da sinagoga está fechada para proteger o sono daqueles que recolhemos. Há muitos outros lá fora à espera.

AARON

Por isso mesmo...

O rabino encara-o com simpatia.

RABINO KRUGER

Acompanha-me.

Caminham ao longo do labirinto de corpos adormecidos.

EXT. RUA LATERAL DA SINAGOGA - NOITE

Aaron e o rabino saem da sinagoga por uma porta pequena numa viela lateral ao templo. Está uma noite tranquila, iluminada pela lua. Não há ninguém na viela, que não tem iluminação pública.

EXT. FACHADA DA SINAGOGA - NOITE

Na rua principal, o espectáculo é outro. Pessoas meio adormecidas sobre as bagagens esperam o nascer do dia à porta da sinagoga.

O rabino detém-se, observando Aaron que procura a irmã entre os refugiados adormecidos. Passado alguns instantes o garoto volta a juntar-se tristemente ao rabino.

RABINO KRUGER
 (desencorajado)
 Que vamos fazer destas pessoas?
 São tantas...

Aaron interrompe-o de forma inesperada.

AARON
 "Desde que Moisés venceu o mar
 Vermelho, não receamos mais
 nada."

RABINO KRUGER
 (surpreendido)
 Que disseste, meu filho?

AARON
 A minha mãe diz isso para nos
 encorajar.

RABINO KRUGER
 "Desde que Moisés venceu o mar
 Vermelho, não receamos mais
 nada."

(pausa)
 Tem toda a razão, a tua mãe. Vou
 gostar de a conhecer.
 (avança na direcção
 dos refugiados)
 Acordem! Não fiquem aqui fora.
 Venham para dentro da sinagoga.

Alguns refugiados acordam e começam a pôr-se de pé. Um deles aponta para a porta fechada.

REFUGIADO
 A porta está fechada.

Aaron anima-se.

AARON
 Eu vou pedir para abrirem!

O garoto começa a correr em direcção à viela e o rabino sorri. Volta de novo a atenção para os refugiados.

RABINO KRUGER
 Vamos. Sigam-me. A porta já vai
 abrir.

A atitude do rabino é agora muito mais decidida. Ajuda as pessoas a levantar-se e transporta ele próprio a bagagem de um velhote.

EXT. PEQUENO JARDIM EM BORDÉUS - DIA

Uma mulher empurra um landó; um soldado passeia de braço dado com a namorada que rompe a rir. JOSHUA (7 anos, filhos do rabino Kruger) e Aaron, com os braços bem abertos, tentam abraçar o tronco de uma grande árvore. Não conseguem.

O garoto corre então para Sarah que, sentada num banco, lê o jornal "La France". Ao lado dela está um cesto com compras. A primeira página do jornal está cheia com as notícias da guerra. Um título destaca que os alemães ocuparam Anvers.

JOSHUA

Mamã! Mamã! Vem lá o Papá!

Sarah dobra o jornal e pousa-o sobre o cesto. A expressão carregada do rabino esbate-se assim que vê a mulher; senta-se ao lado dela e põe o filho mais novo sobre os joelhos. Aaron aproxima-se também.

RABINO KRUGER

Já acabaste as compras?

SARAH

Pouca coisa. Não há quase nada no mercado.

RABINO KRUGER

Os comerciantes estão a começar a açambarcar os produtos.

O rabino repara que as crianças ficaram com um ar sério e tenta distraí-las.

RABINO KRUGER

Vão lá brincar! Corram.

O filho mais novo vai-se embora a correr, mas Aaron não se mexe

AARON

Não há notícias da minha irmã?

RABINO KRUGER

Ainda não. Procurei por todo o lado. Nos hospitais, na polícia... nada.

AARON

Ela tem de estar em algum lado.

RABINO KRUGER

Nós vamos descobri-la, não te preocupes. Vai brincar, vai.

Aaron parece não querer ir, mas depois afasta-se a correr.

SARAH KRUGER

(incrédula)

Acreditas mesmo que a vamos encontrar?

RABINO KRUGER

Não... Ela deve tê-lo abandonado.

Sarah e o marido ficam um momento em silêncio, observando as crianças que voltaram a brincar. Mas Aaron olha-o no meio das brincadeiras, denotando inquietação.

SARAH KRUGER

E no consulado português?

RABINO KRUGER

(encolhendo os ombros)

Desta vez não me receberam. Aquilo está um caos.

INT. CONSULADO - ATENDIMENTO - DIA

Uma mulher bonita entra no consulado. Seabra reconhece-a imediatamente e ela faz-lhe um ligeiro sorriso, que o homem não retribui. É ANDRÉE CIBAL, 32 anos, elegante, ar desenvolvido e cosmopolita. Abrindo caminho por entre a MULTIDÃO, dirige-se com dificuldade para o balcão.

ANDRÉE

O que eu passei para aqui chegar, meu Deus! Você não tem ideia do que vai lá fora, Seabra.

SEABRA

Infelizmente tenho.
(solícito)
Procura o senhor cônsul, dona André?

ANDRÉE

Ele não está?

SEABRA

Está aqui ao lado, em casa.

ANDRÉE

A esta hora?!

SEABRA

O comportamento do senhor cônsul anda a preocupar-nos a todos. Há três dias que está fechado no quarto e ninguém consegue convencê-lo a sair!

ANDRÉE

Nem sequer as crianças?

SEABRA

Se não o conhecesse bem, diria que... Não sei, que tenta escapar a esta confusão toda.

ANDRÉE

Isso não é coisa dele...

SEABRA

Posso pedir-lhe um favor, dona
Andrée?

(hesita)

Se a dona Andrée o visitasse,
talvez ele se animasse...

ANDRÉE

Não me parece muito apropriado.

SEABRA

(sorriso cúmplice)

Tenho a certeza que
conseguiremos pensar numa
desculpa.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - HALL - DIA

CLOTILDE, a filha mais velha de Sousa Mendes, 26 anos, amável e modesta, dirige-se à porta. A CAMPAINHA volta a soar. A jovem abre a porta e olha consternada para a enorme quantidade de gente que está apinhada no patamar, tentando aceder à porta do consulado, atrás de Seabra e Andrée Cibal.

SEABRA

Desculpe, menina Clotilde, mas
esta senhora tem uma informação
urgente para o seu pai. Coisa da
maior importância...

CLOTILDE

Se o conseguir arrancar do
quarto, será um milagre.

INT. QUARTO DE SOUSA MENDES - DIA

Quarto com móveis estilo D. Maria, com os cortinados fechados. Atmosfera ligeiramente desprezada. Quase não há objectos decorativos. Sobre uma das mesas-de-cabeceira, um rádio apagado. Rosário e litografia da Virgem sobre a cabeceira da cama.

Sentado na cama desfeita e apoiado nas almofadas, Sousa Mendes, com barba de três dias, em suspensórios, camisa de colarinho abotoada mas sem gravata, lê a Bíblia à luz duma lamparina pousada na cabeceira.

Ouve-se bater ligeiramente à porta. Sousa Mendes tem um movimento brusco, como se acordasse em sobressalto.

CLOTILDE (O.S.)

Papá! O senhor Seabra está aqui
para falar consigo.

Gesto impaciente de Sousa Mendes, que fecha a Bíblia.

SOUSA MENDES

(firmemente)

Já disse que não quero falar com ninguém.

CLOTILDE (O.S.)

Vem com ele uma senhora - a Dona Cibal.

SOUSA MENDES

(a meia voz)

Andrée?

CLOTILDE (O.S.)

A senhora tem um recado urgente para si.

Sousa Mendes levanta-se agilmente.

SOUSA MENDES

Acompanha-os ao salão...

(pausa)

Não, ao salão não - à sala de jantar. Eu vou já.

Sousa Mendes olha-se ao espelho e acaricia a barba com um ar aborrecido.

INT. CASA DE ARISTIDES - SALA DE JANTAR - DIA

Dezasseis cadeiras arrumadas de forma harmoniosa em torno de uma mesa de família comprida. Pesadas baixelas de prata vazias. Atmosfera negligenciada de casa abandonada. Os estores estão corridos e a sala está na obscuridade. Andrée e Sousa Mendes esperam em silêncio, enquanto Clotilde abre os cortinados para deixar entrar a luz.

Sousa Mendes entra com um passo nervoso na sala. Vestiu casaco e gravata e tem a barba feita de fresco.

CLOTILDE

Papá!

Mendes faz uma festa no rosto da filha e aproxima-se de Andrée, que se levanta. Os dois cumprimentam-se com uma formalidade até excessiva.

SOUSA MENDES

Dona Cibal...

ANDRÉE

Senhor cônsul...

(olham-se)

Acabo de chegar de Paris. No governo, ninguém se entende. Ordens e contra-ordens, rumores, jogos políticos...

(num tom revoltado)

Numa situação destas, é absurdo!

SOUSA MENDES

É verdade, é verdade.

Seabra ergue-se também.

SEABRA

Se o senhor cônsul não levar a mal, tenho mil assuntos pendentes no consulado.

SOUSA MENDES

Com certeza, Seabra.

O homem retira-se com uma vénia para as senhoras.

CLOTILDE

Já que o papá veio aqui, vou preparar-lhe qualquer coisa para comer.

SOUSA MENDES

Não vale a pena, Clotilde. Não tenho apetite.

ANDRÉE

Não lhe faz bem ficar na fraqueza, senhor cônsul.

Andrée olha firmemente para Aristides.

SOUSA MENDES

Bem... se insistem. Mas qualquer coisa leve, filha.

CLOTILDE

É para já!

Clotilde sai. Andrée e Sousa Mendes olham-se ternamente. O cônsul agarra na mão de Andrée, ajudando-a a sentar-se de novo.

ANDRÉE

(em voz baixa)

Desculpa aparecer assim sem avisar.

SOUSA MENDES

Não respondeste às minhas cartas.

ANDRÉE

O que tenho a dizer tem de ser dito em privado. Mas primeiro - o que se passa contigo? O teu consulado está a pegar fogo e tu enfiado aqui?

SOUSA MENDES

É difícil explicar.

ANDRÉE

Tenta.

SOUSA MENDES

Estou a fazer um retiro... uma espécie de retiro. Procuro... orientação.

ANDRÉE

Orientação...?

SOUSA MENDES

Sobre o que deve ser feito. Estes são tempos complexos, André. Não é fácil um homem saber o que está correcto e o que não está.

ANDRÉE

O que se passa, afinal?

SOUSA MENDES

São os judeus. Chegam às centenas todos os dias, pedindo vistos para Portugal, que eu não tenho autorização para emitir.

André fica pensativa.

SOUSA MENDES

Tantos casos dramáticos... tanto sofrimento.

ANDRÉE

Tu não és pai dessa gente toda, Aristides. Não podes carregar esse peso sozinho. Se o teu governo não autoriza, o que é que podes fazer?

SOUSA MENDES

É isso que estou a tentar perceber. Mas nem a Bíblia me tem ajudado.

ANDRÉE

E a tua consciência - o que te diz?

Aristides abana a cabeça, indeciso.

Antes que possa responder, Clotilde regressa com uma bandeja com duas sanduíches, um jarro de vinho e dois copos. Coloca a bandeja em cima da mesa.

CLOTILDE

Preparei-lhe duas sanduíches de presunto. Coma devagar, papá, olhe que está em fraqueza.

SOUSA MENDES

(para André)
É servida?

ANDRÉE

Obrigada...

Clotilde retira-se, discreta. Sousa Mendes serve-se de vinho.

SOUSA MENDES

Mas, afinal - ainda não me disseste ao que vens.

Andrée sorri tristemente.

ANDRÉE

Não é nada. Apenas saudades.

SOUSA MENDES

Parecias ter algo importante para dizer.

ANDRÉE

(sorri)

Nada tão importante como o que tu tens de decidir.

Aristides olha-a e fixa a sanduíche de presunto, sem apetite.

SOUSA MENDES

Deus responde sempre às minhas preces - só que às vezes não é da maneira que eu queria.

(levanta-se,
decidido)

Vem - faz-me companhia. Vamos visitar uma pessoa.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - TARDE

Aaron avança rapidamente pelo meio das pessoas que enchem a sinagoga. Luz ténue filtra-se pelas poucas aberturas do espaço.

Alguns refugiados esperam à frente de uma mesa onde Sarah supervisiona o serviço de uma sopa fumegante. Cada um deles segura uma tigela e uma colher. Aaron, que tem uma mão ocupada com uma tigela e um livro de ilustrações na outra, consegue mesmo assim roubar um bocado de pão da mesa, rindo para a moça da sopa.

O rapaz passa por algumas pessoas que comem de pé, e outras que estão sentadas em pequenos grupos. Os refugiados acenam-lhe à passagem.

Num canto, os rapazes e as raparigas lavam a loiça numa bacia sob a supervisão do rabino Kruger, que olha para o rapazinho que passa cheio de energia. O rabino sorri.

Uma rapariga que transporta um grande cesto recolhe os pratos e as colheres. Aaron passa por ela e deita a sua tigela no cesto.

Salta por cima de algumas malas e estende o pão que roubou a um VELHOTE que está a terminar a sopa. O velhote aceita, com um sorriso desdentado, e começa a molhar o pão na sopa. Aaron salta por cima de outras malas e atira-se para cima da sua cama, abrindo o livro de ilustrações.

A porta da sinagoga abre-se, deixando entrar um fio de luz. Sousa Mendes, acompanhado por Andréé, penetra na sinagoga. Além da roupa que lhe vimos antes, tem um chapéu macio que retira ao entrar. O número de refugiados surpreende-o.

O cônsul e a sua acompanhante olham em redor, ajustando a vista à penumbra.

Aaron repara neles. Imediatamente deixa o livro em cima da cama e corre na sua direcção.

AARON

Senhor cônsul - senhor cônsul!

Sousa Mendes olha para o rapazinho, tentando reconhecê-lo.

SOUSA MENDES

Aaron...?

AARON

Sim, senhor cônsul. Tem notícias da minha irmã?

O cônsul faz-lhe uma festa no cabelo.

SOUSA MENDES

Ainda não, Aaron.

(pausa)

Onde está o rabino?

AARON

Venha comigo!

O rapaz agarra na mão do cônsul e começa a puxá-lo.

Sousa Mendes abre passagem entre a multidão, tentando não incomodar ninguém.

AARON

(olhando Andréé)

É a sua mulher, senhor cônsul?

A pergunta deixa Sousa Mendes um pouco embaraçado. Responde evitando o olhar de Andréé.

AARON

Não. É uma... amiga.

Andréé passa um braço pelo ombro do garoto, enquanto caminham.

ANDRÉE

O meu nome é Andrée, e já ouvi a tua história. Vamos encontrar a tua irmã em breve, com certeza.

Aaron sorri-lhe, esperançoso, e continua a puxar o cônsul na direcção do rabino.

INT. CANTO DA SINAGOGA - TARDE

O rabino Isaac ainda está a supervisionar as lavagens.

AARON (O.S.)

Rabino, rabino. Olhe quem está aqui!

O rabino apercebe-se de que se trata do cônsul e vai cumprimentá-lo.

RABINO KRUGER

Seja bem-vindo.

(mostra em redor)

Queira desculpar a forma como o recebemos.

Sousa Mendes faz um gesto indicando que não tem importância. O rabino olha curioso para Andrée.

SOUSA MENDES

A senhora Andrée Cibal é uma amiga da família, que teve a gentileza de me acompanhar.

RABINO KRUGER

Seja bem vinda, também.

(pausa)

E... ao que devemos esta honra?

SOUSA MENDES

Têm passaportes? O senhor e a sua família?

RABINO KRUGER

Sim. Todos - excepto o Aaron.

SOUSA MENDES

Isso resolve-se. Bom...

(pausa)

Vim propor-lhe que fiquem em minha casa enquanto me ocupo do vosso caso. Dos vossos vistos.

RABINO KRUGER

Nós...?!

SOUSA MENDES

Tenho um apartamento bastante grande ao lado do consulado e está quase vazio.

O rabino hesita.

RABINO KRUGER

Não posso aceitar o seu convite.

SOUSA MENDES

Tenho muitos amigos judeus.
Ficaria encantado se aceitasse a
minha proposta.

O rabino olha para a mulher, Sarah, que o observa da
mesa da sopa.

SOUSA MENDES

Rogo-lhe.

Aaron e André e entreolham-se, esperando.

O rabino, segurando no cônsul pelo braço, vira-se e faz
um gesto para lhe mostrar a nave da sinagoga
transformada em dormitório.

RABINO KRUGER

Quando fui ao consulado, não fui
pedir a sua hospitalidade.

SOUSA MENDES

(sorrindo)

Eu sei, mas--

RABINO KRUGER

(interrompendo)

O meu pedido de vistos não dizia
apenas respeito à minha família,
mas a toda esta gente. A estes
desgraçados já não pode
acontecer nada pior. Já perderam
tudo o que possuíam.

(pausa)

Alguém tem de os ajudar, e eu
não quero tratamento
diferenciado, senhor cônsul.

SOUSA MENDES

E não vai ter.

O rabino Krueger olha para o cônsul de Bordéus,
tentando perceber a extensão real daquelas palavras.

RABINO KRUGER

O senhor cônsul está a dizer...?

SOUSA MENDES

Que o consulado português vai
emitir todos os vistos
necessários. Reflecti muito
sobre isto. Já sei o que fazer.

RABINO KRUGER

Senhor cônsul...

SOUSA MENDES

Aristides, por favor. Já passou
o tempo das formalidades.

O rabino fica sem palavras. Depois avança um passo e dá um forte abraço a Sousa Mendes, que fica um pouco hirto, sem saber como reagir. Olha Andrée, que faz um sorriso de aprovação e coloca a mão no ombro de Aaron.

FIM DO
FLASHBACK

INT. RESTAURANTE - NOITE

Francisco de Almeida interrompe a sua narração para tomar mais um golo de vinho. Alexandra observa-o com admiração.

ALEXANDRA

Então - o maestro estava presente quando Aristides de Sousa Mendes tomou essa decisão?

FRANCISCO DE ALMEIDA

Acredite se quiser. Um guri de oito anos, sem saber que minha vida estava nas mãos daquele homem, um pouco estranho, mas simpático.

(curioso)

Já tinha ouvido falar nele?

ALEXANDRA

Sim - mas nunca desta forma, na primeira pessoa.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Foi um herói, sabe?

Francisco de Almeida retira do bolso uma carteira de pele elegante. Extrai lá de dentro um documento muito antigo, dobrado em quatro, e desdobra-o com extremo cuidado. Estende-o a Alexandra, que o recebe quase com reverência.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Aí tem - o meu visto.

(pausa)

Um dos trinta mil vistos que ele emitiu nesse mês de Junho de 1940.

FLASHBACK - EXT. RUA DO CONSULADO PORTUGUÊS - DIA

Longa fila de gente no passeio. São pessoas de todas as idades, sexos, condições sociais, judeus e não judeus. Há alguma agitação no ar, as pessoas empurram-se um pouco, comprimindo-se à frente do consulado.

O rabino Krueger, carregando uma pasta preta, contorna a fila e dirige-se directamente para a porta do edifício. Aaron acompanha-o. Uma MULHER DE IDADE revolta-se.

MULHER DE IDADE

(zangada)

Aqui, somos todos iguais. Não é lá porque tem um chapéu que vai chegar antes de nós a Portugal.

Aaron e o rabino Kruger não param, mas o remoque não passa alheio ao rabino, que se justifica a Aaron.

RABINO KRUGER

Ela tem razão. Na desgraça, somos todos iguais.

As pessoas perto da porta empurram-se para deixar passar o rabino. Alguns cumprimentam-no. O rabino vai respondendo com acenos.

INT. CONSULADO - ATENDIMENTO - DIA

A sala está apinhada de gente. Atrás do balcão, uma funcionária francesa, MICHELLE, escreve à máquina enquanto OUTRA FUNCIONÁRIA consulta os ficheiros. Mostram-se as duas indiferentes às pessoas que se amontoam à volta do balcão.

Amorim, o terceiro funcionário, preenche meticulosamente um enorme livro de registos.

Inquieto e afogueado, o secretário, José Seabra, fala com UM HOMEM que lhe estende um cartão de visita.

SEABRA

Lamento, mas o Cônsul não recebe ninguém.

O homem insiste, como se não tivesse compreendido. Uma MULHER JOVEM puxa Seabra pela manga do casaco.

MULHER

Vim cá ontem e disseram-me para voltar hoje. É por causa de--

SEABRA

(interrompendo)

Eu sei, minha senhora. O seu caso está a ser tratado, mas não posso prometer-lhe...

Aaron e o rabino entram nas instalações. Seabra reconhece o rabino Kruger e chama-o.

SEABRA

Rabino Kruger!

(para Amorim)

Amorim! Venha aqui para o balcão, por favor.

O colega olha para ele com desagrado e enrosca calmamente a tampa da sua caneta de tinta permanente.

O secretário passa para o outro lado do balcão e, cercado por PESSOAS que tentam falar com ele (ad lib), aproxima-se do rabino enquanto se vai desculpando em redor.

SEABRA

Lamento. Tentem ser pacientes, por favor. Lamento, não posso fazer nada.

(para o rabino)

Pode acompanhar-me.

O rabino e Aaron seguem-no. Seabra olha para a mala, tentando disfarçar o incómodo.

SEABRA

Isso tudo são mais...?

RABINO KRUGER

Sim.

SEABRA

Não sei como é que isto vai ser! O Sr. Cônsul já nem está a dar conta dos processos existentes.

INT. GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

Um rádio sobre a secretária emite um noticiário. O cônsul, de pé junto ao mapa da Europa, está a espetar mais alguns quadrados de papel preto sobre o noroeste de França e Bélgica. Crava um directamente sobre a cidade de Calais.

LEGENDA: 4 de Junho de 1940

LOCUTOR (NA RÁDIO)

O exército dos aliados apressa-se a abandonar o porto de Dunquerque sob o fogo da Luftwaffe e da artilharia alemã, que acaba de ocupar Calais.

Seabra, acompanhado pelo rabino e Aaron, entra no seu gabinete.

SEABRA

Senhor cônsul...

SOUSA MENDES

Deixe ouvir, deixe ouvir!

LOCUTOR NA RÁDIO

A frente marítima faz milagres e a frente terrestre resiste heroicamente ao avanço dos blindados inimigos. Mais de 80 mil homens foram já salvos e dirigem-se para Inglaterra.

A força aérea francesa e a RAF conseguiram opor-se à aviação alemã e abateram vários aviões.

O cônsul respira fundo e desliga o rádio. Olha os recém-chegados.

SOUSA MENDES

Estão a fazer passar uma derrota monumental por uma epopeia. Vêm aí dias difíceis, rabino.

RABINO KRUGER

É por isso que não há tempo a perder...

O rabino abre a pasta e começa a tirar passaportes.

SOUSA MENDES

Gosto do seu sentido prático, rabino. Não lhe interessa nem um pouco o curso da guerra?

RABINO KRUGER

Só para fugir dela o mais depressa possível.

Empurra os passaportes para o cônsul.

RABINO KRUGER

Aqui estão os de hoje. Mas amanhã chegam mais.

Sousa Mendes respira fundo e abre uma gaveta, já cheia de passaportes. Abre outra, onde ainda tem algum espaço vazio. Empurra os passaportes que acabou de receber lá para dentro.

SOUSA MENDES

Vamos ver aonde chegamos.

SEABRA

O senhor cônsul desculpe, mas...

(hesita)

Já leu a comunicação de hoje?

SOUSA MENDES

Relativamente aos polacos?

(indignado)

Porquê recusar vistos aos polacos?

Seabra olha para o rabino, como que a desculpar-se.

SEABRA

Porque são quase todos judeus. E como a circular 14 nos proíbe de passar vistos a judeus...

SOUSA MENDES

É anticonstitucional!
(para o rabino)

O nosso país não é racista e a nossa constituição também não. Isto são coisas de governantes feitos à pressa.

SEABRA

Tem a assinatura de Salazar.

SOUSA MENDES

Ele não pode pensar em tudo. Aconselharam-no mal.

(pausa)

Se ao menos pudesse falar com ele...

Seabra remexe-se, incomodado.

SEABRA

E o que fazemos, então?

SOUSA MENDES

Ignoramos. Como ignorámos as outras.

Volta a agarrar na caneta e começa a assinar vistos.

SOUSA MENDES

E trabalhamos mais depressa.

Amorim, o funcionário da secretaria, abre bruscamente a porta, sem bater.

AMORIM

Senhor cônsul, estão a querer forçar a entrada! Já não conseguimos fechar a porta.

SEABRA

Chamem a polícia.

SOUSA MENDES

(levantando-se)

Calma, Seabra. Eu é que dou as ordens aqui.

Seabra cala-se, embaraçado.

SOUSA MENDES

Eu falo com eles.

EXT. PATAMAR DO CONSULADO - DIA

Atmosfera de revolta. As pessoas batem nas paredes gritando em coro.

VOZES

Queremos vistos! Queremos vistos!

INT. CONSULADO - ATENDIMENTO - DIA

Luz de fim de dia. A secretaria está ainda mais cheia do que vimos anteriormente, com pessoas a tentar entrar.

Sousa Mendes faz frente aos refugiados que se apinham do outro lado do balcão. Assustados, Seabra e os funcionários refugiam-se perto dele.

VOZES DIVERSAS

- Não empurrem!
- Basta!
- Cuidado com as crianças!

Ouvimos mais vozes vindas do exterior. Sousa Mendes está um pouco aturdido, mas não perdeu a firmeza.

SOUSA MENDES

Tenham calma, por favor!

A mulher de idade, que antes vimos no exterior, adianta-se.

MULHER DE IDADE

Já tivemos calma demais!

SOUSA MENDES

É preciso um pouco de paciência, todos os que tiverem os requisitos vão ter vistos.

Um HOMEM DE BOINA, ar de operário, toma a palavra.

HOMEM DE BOINA

E isso é quando? Os Alemães estão a chegar.

O rabino Krueger tenta intervir.

RABINO KRUGER

O senhor cônsul--

MULHER DE IDADE

(interrompendo)

Chega de conversa! Nós queremos é os vistos!

Aaron irrita-se e trepa para cima do balcão. Bate com o pé e coloca as mãos na cintura, num gesto de desafio.

AARON

Ouçam o cônsul! O cônsul quer falar!

O seu gesto inesperado tem o condão de calar as pessoas. Amorim abana a cabeça, desagradado.

Sousa Mendes sorri ligeiramente e toma a palavra.

SOUSA MENDES

Meus amigos, Portugal possui uma longa tradição de hospitalidade. Vamos fazer face às nossas responsabilidades. Não confundiremos neutralidade com indiferença.

(pausa)

Vamos distribuir senhas a todos os que aqui estão. Ninguém será esquecido. Amanhã, o consulado abre às nove horas... ou melhor, às oito! Prometo-vos que trataremos de toda a gente.

Os refugiados entreolham-se, entre o esperançoso e o incrédulo. Alguns começam a retirar-se. Sousa Mendes ajuda Aaron a descer do balcão.

SOUSA MENDES

(para o rabino)

Quer ajudar-me, Isaac?

RABINO KRUGER

Sabe muito bem que sim.

SOUSA MENDES

Então, venha viver para minha casa com a sua família. E traga quem quiser. Não seremos demasiado numerosos quando chegar o momento.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

O rabino Krueger e a família estão a arrumar malões de viagem, enchendo-os com roupas e as suas parcas posses. Sarah está sentada numa das malas a alimentar o bebé Moshe, mas controla todas as operações com segurança.

SARAH

Vai ver do Aaron, Isaac.

O rabino afasta-se e segue em direcção de Aaron, que está sentado na sua cama, com a sua mala aberta e algumas roupas ainda por arrumar. O rapaz olha pensativo para uma CHAVE de ferro, antiga, que segura na mão.

RABINO KRUGER

Estás pronto?

AARON

Ainda não...

O rabino senta-se ao lado dele.

RABINO KRUGER

Foste muito valente, hoje.

O rapaz encolhe os ombros, triste.

RABINO KRUGER

Os teus pais e a tua irmã vão ficar muito orgulhosos quando eu lhes contar.

AARON

Acha mesmo que vou voltar a vê-los?

RABINO KRUGER

Claro que sim! Que ideia é essa?

Abraça o garoto mas este continua a olhar a chave.

FLASHBACK - INT. QUARTO DE AARON E ESTHER - DIA

Aaron e Esther estão vestidos para empreender a sua longa viagem. Mala aberta sobre a cama. Os dois afadigam-se a arrumar as roupas.

A sua mãe, Olga, entrega-lhes um estojo de óculos.

OLGA

Isto é para vocês.

AARON

Óculos?

OLGA

Não...

Ela abre o estojo e tira duas velhas CHAVES DE FERRO.

OLGA

É uma recordação de família. Dos nossos antepassados.

ESTHER

Da Polónia?

OLGA

Muito anterior a isso - do tempo em que fugiram de Portugal.

AARON

De onde são, essas chaves?

OLGA

Quem sabe...?

(pausa)

Mas agora são vossas. Sempre deram sorte à família, e Deus sabe como vocês vão precisar.

Estende as chaves aos dois irmãos. Aaron agarra na sua.

AARON

Mas assim os papás ficam sem sorte.

A mãe dá-lhe um beijo, comovida.

OLGA

É só até estarmos juntos de novo.

FIM DO
FLASHBACK.

INT. RESTAURANTE - NOITE

Francisco de Almeida e Alexandra continuam sentados à mesa do restaurante, que por esta altura está quase vazio.

ALEXANDRA

Chegou a encontrar a casa? A dessa chave?

FRANCISCO DE ALMEIDA

Não. Na verdade, nunca procurei. Ficámos pouco tempo em Portugal. O meu pai adoptivo tinha negócios no Brasil, e com a guerra a alastrar-se pela Europa, foi para lá que fomos.
(pausa)
Nunca voltei. Sem a minha irmã, sem os meus pais...

Faz um gesto de desalento.

ALEXANDRA

Não procurou a sua família?

FRANCISCO DE ALMEIDA

Claro que sim. Não descansei enquanto não soube seu destino: meus pais morreram no campo de concentração de Buchenwald. E minha irmã...
(pausa)
Minha irmã foi assassinada em Bordéus, no mesmo dia em que desapareceu.

ALEXANDRA

(com surpresa)
Assassinada...?!

FRANCISCO DE ALMEIDA

Sim. Mas só vim a saber disso muito mais tarde.
(pausa)
Nessa altura quis esquecer tudo: a Europa, as minhas origens, o meu passado. Tudo. Aaron Apeiman saiu de cena e nasceu Francisco de Almeida.

Começamos a ouvir um TRECHO MUSICAL DE ERIC SATIE, interpretado ao piano.

FRANCISCO DE ALMEIDA
Mas antes disso muita coisa
aconteceu.

FLASHBACK - EXT. RUA DO CONSULADO - DIA

A música continua a fazer-se ouvir. Aaron, puxando a sua pesada mala de viagem, acompanha o rabino Krueger e a família. Clotilde abre a porta da casa de Sousa Mendes e recebe-os com um sorriso genuíno.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)
A minha vida mudou uma vez mais.
Fomos viver com outras famílias
para casa do cônsul...

INT. CASA DE SOUSA MENDES - ARRECADAÇÃO - DIA

Aaron desfaz a mala em cima de um colchão de palha, no chão de uma pequena arrecadação da casa. Apesar das condições precárias, o rapazinho tem um sorriso de encantamento no rosto.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)
... onde acompanhámos a evolução
da guerra... e eu conheci a
paixão da minha vida.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE JANTAR - NOITE

Clotilde, sentada a um bonito piano de cauda, TOCA AO PIANO a peça musical de Eric Satie que temos vindo a ouvir.

As suas mãos deslizam com habilidade pelo teclado do instrumento.

Aaron, sentado no meio da sua nova família e amigos - um grupo heterogéneo onde se misturam refugiados e amigos de Aristides - observa fascinado a pianista. Percebemos que a paixão a que o maestro se refere não é Clotilde, mas sim a MÚSICA que ela está a tocar, e que se estende pelas cenas seguintes.

MONTAGEM - VIDA NOVA

A) INT. CASA DE SOUSA MENDES - COZINHA

Sarah e outras mulheres judias trabalham na cozinha com Clotilde.

B) INT. CASA DE SOUSA MENDES - CORREDOR

Aaron e outros miúdos atravessam o corredor da casa a correr, passando pelo rabino, que tem de se desviar deles.

C) INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES

O cônsul assina vistos. Seabra entra no gabinete para recolher uma pilha deles.

D) INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE JANTAR

Os homens estão reunidos à volta de um rádio, tentando sintonizar uma estação emissora.

E) INT. CASA DE SOUSA MENDES - COZINHA

Sarah e Clotilde brincam com o bebé Moshe.

F) INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES

O rabino entra com a sua pasta preta no gabinete onde o cônsul trabalha. Despeja mais uma pilha de passaportes no tampo da secretária.

FIM DA MONTAGEM - SALA DE JANTAR

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE JANTAR - NOITE

Aaron olha embevecido para as mãos da pianista. Quando esta termina o trecho musical, a audiência irrompe em aplausos.

SOUSA MENDES

Bravo! Bravo!

Clotilde agradece com uma ligeira vénia, sorridente, as palmas da audiência.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE ESTAR - MAIS TARDE

A sala de estar está agora vazia. Aaron aproxima-se do piano.

Contorna-o passando a mão pela sua superfície negra, polida, com reverência. Levanta a tampa das teclas e, a medo, toca uma... depois outra... e ainda outra. Sorri com o resultado.

SOUSA MENDES (O.S.)

Sabes tocar, Aaron?

O rapaz sobressalta-se com a presença inesperada do cônsul. Deixa cair a tampa, ruidosamente.

AARON

Desculpe, senhor cônsul.

SOUSA MENDES

Não faz mal. Sabes tocar ou não?

AARON

Não, senhor. Mas gostava.

O cônsul aproxima-se do piano e, levantando a tampa, toca uma escala sem se sentar.

Aaron observa, encantado. A escala transforma-se num esboço de uma melodia.

SOUSA MENDES

(enquanto toca)

Pede à Clotilde. Ela com certeza
gostará de te dar aulas.

O cônsul pára de tocar. Abre e fecha a mão com que escreve e assina, como se esta estivesse dorida.

SOUSA MENDES

Eu já toquei razoavelmente. Mas
é preciso praticar muito.

(sorri)

E agora só pratico a minha
assinatura.

O cônsul passa a mão pela cabeça do garoto.

SOUSA MENDES

Vamos dormir. Mas amanhã falas
com a Clotilde, ouviste?

Aaron acena afirmativamente, um brilho de entusiasmo no olhar.

EXT. CONSULADO - DIA

Em frente do consulado estende-se uma fila interminável mas disciplinada.

LEGENDA: 14 de Junho de 1940

À porta do consulado dois AGENTES DA POLÍCIA dirigem-se a um VELHOTE que tenta passar à frente.

AGENTE

Agora não pode entrar. Já há
gente demais lá dentro.

VELHOTE

Digam isso aos Alemães. Queria
era vê-los a deter os boches na
Porte Clignancourt.

(irónico)

"Não podem entrar. Já há
demasiados alemães em Paris."

O agente finge não ouvir e mantém-se impassível.

Alguns jovens judeus, da sinagoga de Bordéus, distribuem pão e água às pessoas que esperam. Entre eles está Aaron. O garoto percorre a fila fazendo perguntas sobre a sua irmã.

AARON

(para uma senhora)

Conhece uma rapariga chamada
Esther Apelman?

A senhora abana negativamente a cabeça e ele continua.

AARON
(para um homem)
Não viu uma rapariga chamada
Esther? Esther Apelman?

Uma MULHER GORDA faz sinal a Aaron.

MULHER GORDA
Como disseste que ela se
chamava?

AARON
Esther Apelman. Tem vinte e um
anos.

MULHER GORDA
Não deve ser a mesma, mas
conheci uma Esther que regressou
a casa.

AARON
A Anvers?

MULHER
Isso já não sei.

AARON
Como era ela?

MULHER GORDA
Magra. Vinte e tal anos. Morena,
assim bem judia, como tu.

AARON
Quando é que a viu?

MULHER
Há mais ou menos quinze dias.
Chamava-se Esther e estava a
chorar. Queria voltar para casa.
Talvez tenha partido.

AARON
(angustiado)
E estava a chorar?

A mulher encolhe os ombros, com pena do rapaz. Este olha-a por um instante, mas depois retoma a sua busca. Passa a um casal que está a seguir na fila.

AARON
Os senhores não viram uma
rapariga chamada Esther Apelman?

Enquanto Aaron continua a interrogar as pessoas da fila, deixamos de ouvir o som real, e passamos a ouvir as notícias numa estação de rádio.

LOCUTOR (NA RÁDIO)
 Segundo o Sr. Bordeman, perfeito da polícia de Bordéus, a população da cidade passou de trezentas mil a setecentas mil pessoas. É nesta cidade que hoje se instalará o governo francês, transferido de Tours.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

A mão de Sousa Mendes crava um quadrado de papel negro sobre Paris. O mapa da Europa apresenta uma mancha negra cada vez maior. O rádio de Sousa Mendes dá o noticiário.

LOCUTOR (NA RÁDIO)
 Este será acompanhado pelos governos no exílio da Polónia, da Bélgica, da Holanda e do Luxemburgo. É a terceira vez em menos de cem anos, e em condições igualmente dramáticas, que Bordéus se torna a capital de França.

O cônsul vem sentar-se na secretária e continua a assinar passaportes uns atrás dos outros. Seabra, à sua frente, vai carimbando outros.

SOUSA MENDES
 Então agora estamos na capital de França...
 (sorri)
 Quer dizer que eu devia ser embaixador e não cônsul.

SEABRA
 Pelo menos não tínhamos de estar aqui nesta maratona.

Batem à porta e Amorim, o funcionário da secretaria, espreita.

AMORIM
 Dá-me licença, senhor cônsul?

SOUSA MENDES
 Entre, Amorim.

AMORIM
 Acabaram os livros de registos. Não estávamos preparados para esta avalanche de vistos...

SOUSA MENDES
 Então usem outros livros - os dos casamentos, por exemplo. De qualquer forma agora ninguém casa.

AMORIM

Isso... é irregular, senhor
cônsul.

SOUSA MENDES

Quem não tem cão, caça com gato.

Amorim hesita - depois ganha coragem.

AMORIM

Aliás, senhor cônsul - tudo isto
é muito irregular.

Sousa Mendes interrompe o que está a fazer para encarar
o outro homem.

SOUSA MENDES

O quê, exactamente?

AMORIM

Todo este processo - passar
vistos a toda a gente; a
confusão lá fora; as horas que
temos de trabalhar...

SOUSA MENDES

O seu problema é com o trabalho,
Amorim? Ou é com os judeus?

AMORIM

O problema não é só meu, senhor
cônsul. O pessoal está
cansado...

SEABRA

Chega, Amorim! Não mace o senhor
cônsul com esses dislates.

Sousa Mendes olha o homem com uma expressão muito
séria.

SOUSA MENDES

Não se preocupem que estamos a
contar-lhes horas extra. Vão ser
muito bem recompensados por
este... sacrifício.

Amorim acena negativamente com a cabeça e retira-se,
desagradado.

SEABRA

Este Amorim... pode ser
perigoso.

SOUSA MENDES

O Amorim? O Amorim é
absolutamente alérgico ao
exercício de pensar. Aquilo é
tudo preguiça.

Seabra encolhe os ombros, sem muita convicção.

SEABRA

Mesmo assim.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - ENTARDECER

Três homens de postura militar estão à frente da secretária de Sousa Mendes. São OFICIAIS CHECOS. Mendes está de pé, ao lado da sua secretária. Tem o casaco vestido mas o colarinho da sua camisa está desapertado e tem a gravata de lado.

SOUSA MENDES

Lamento imenso o tempo que isto demorou.

Contorna a sua secretária para vir saudar os três militares.

Os três homens põem-se em sentido enquanto apertam a mão do cônsul. Mendes retém a mão do último e, enfiando-lhe três passaportes na mão, murmura em voz baixa.

SOUSA MENDES

Boa sorte.

O homem sorri ligeiramente. Os três saem saudando com um ligeiro aceno de cabeça o cônsul.

Vemos nesse momento, num canto do escritório, um homem de 60 anos, gestos afectados, aristocrático. É o ministro plenipotenciário português na Bélgica, CALHEIROS MENEZES, e está a servir-se de um copo de gin.

MENEZES

Também queres?

SOUSA MENDES

Ainda é cedo.

MENEZES

Esses três eram checos, não eram?

SOUSA MENDES

Sim...

MENEZES

Estás a arriscar demais, Aristides.

SOUSA MENDES

São oficiais de um exército derrotado, cidadãos de um país que já não existe. Que iria ser deles?

MENEZES

Seriam levados para um campo de prisioneiros, onde ficariam confortavelmente instalados até esta guerra acabar.

(agitando o copo)

Não tens gelo?

SOUSA MENDES

Há pessoas a morrer por todo o lado e tu preocupas-te com o gelo!

MENEZES

Eu preocupo-me é contigo. Com a tua família. Há quanto tempo somos amigos, Aristides?

O cônsul faz um gesto vago e vira as costas.

MENEZES

O que tu estás a fazer aqui vai acabar com a tua carreira diplomática. Já pensaste nisso? O que é que vais fazer quando regressares a Lisboa?

SOUSA MENDES

Na altura verei.

MENEZES

Tem cuidado, Aristides, não te deixes levar pelo coração.

SOUSA MENDES

São as minhas convicções.

MENEZES

Somos diplomatas, não missionários.

SOUSA MENDES

Dás-te conta, Menezes? Somos os únicos a poder ainda salvar algumas almas deste inferno.

MENEZES

Almas? Desculpa, mas a fé subiu-te à cabeça.

O remoque ofende Aristides, que reaje.

SOUSA MENDES

Antes a fé do que o álcool.

Sousa Mendes regressa à secretária. Menezes dirige-se calmamente para a porta.

SOUSA MENDES

Onde vais?

MENEZES

Buscar gelo a tua casa.

(sorri)

Ouvi dizer que acolheste até o actor Robert Montgomery. Há mais celebridades em tua casa?

SOUSA MENDES

(pequeno sorriso)

Se as queres conhecer, vai lá.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE JANTAR - NOITE

A sala está transformada em refeitório cheio de gente que confraterniza ruidosamente em várias línguas. A mesa está posta e Clotilde, ajudada pelo marido, SILVÉRIO, 27 anos, simpático, óculos redondos, e Sarah, anda numa roda-viva entre a sala e a cozinha.

PEDRO NUNO, um dos filhos de Sousa Mendes, 19 anos, serve vinho. Atmosfera alegre.

VOZES CRUZADAS

- Passe-me o pão, por favor.

- Que é isto que estamos a comer?

- Só sei que tem peixe.

- Tenho tanta fome que era capaz de comer pedras!

- Este vinho português é formidável!

- Não bebas demais!

- Quem é aquele?

Menezes, com um copo de gin na mão, entra na sala de jantar. Olha em redor, tentando esconder o espanto. Clotilde dirige-se para ele.

MENEZES

(surpreendido)

Clotilde! Não te reconhecia.

Clotilde fica envergonhada.

CLOTILDE

(apresentando

Silvério)

O senhor embaixador Menezes, o meu marido... E o meu irmão está ali.

Pedro Nuno faz um aceno ao embaixador. Silvério afasta-se, levando uma travessa.

MENEZES

Imaginava-os em Lisboa por esta altura.

CLOTILDE

Ficámos para dar uma ajuda ao papá.

Menezes puxa discretamente Clotilde para um canto.

MENEZES

Acabei de falar com ele. Achei-o um pouco... perturbado.

CLOTILDE

Com tudo o que lhe caiu em cima, é perfeitamente normal.

MENEZES

Clotilde - é preciso chamá-lo à razão. Ele está a correr demasiados riscos.

CLOTILDE

Mas se o governo não responde aos seus pedidos, que pode ele fazer?

MENEZES

Deixar de emitir vistos, com o pretexto de que não consegue comunicar com Lisboa.

CLOTILDE

Ou, sob o mesmo pretexto, emitir vistos para toda a gente.

MENEZES

É precisamente isso que corre por aí. Diz-se que o cônsul de Portugal vai abrir as comportas.
(olhando à sua volta)
Parece que já o fez.

EXT. RUA DO CONSULADO - NOITE

Os lampadários estão apagados. Grupo de pessoas à porta do consulado. Aaron anda pelo meio deles, procurando sempre a irmã.

Dois agentes da polícia vigiam-nos. Um oficial da polícia autoritário dirige-se ao grupo.

OFICIAL DA POLÍCIA

Não podem ficar aqui. Circulem, por favor.

HOMEM TRISTE

E para onde vamos?

OFICIAL DA POLÍCIA

Isso não é problema meu. Desandem.

O polícia olha para Aaron.

OFICIAL DA POLÍCIA
E tu, garoto - com quem é que
estás?

Aaron recua.

OFICIAL DA POLÍCIA
Anda cá - não fujas. Quem é a
tua família?

O rapaz olha em redor, assustado.

OFICIAL DA POLÍCIA
Se estás sozinho, não podes
ficar aqui. Vem cá!

SOUSA MENDES (O.S.)
Ele está comigo.

O oficial vira-se, surpreendido.

OFICIAL DA POLÍCIA
Senhor cônsul...

SOUSA MENDES
O rapaz é meu hóspede.

OFICIAL DA POLÍCIA
Muito bem. Mas não o deixe andar
por aí à solta.

O oficial da polícia volta a afastar-se.

OFICIAL DA POLÍCIA
(distanciando-se)
E não quero esta gentalha a
dormir aqui na rua.

Sousa Mendes coloca a mão no ombro de Aaron enquanto
observa o polícia a afastar-se.

SOUSA MENDES
Ele tem razão, Aaron. Não tens
de andar sozinho a estas horas.

AARON
Mas a minha irmã--

Sousa Mendes interrompe Aaron. Olha-o na cara, com
muita seriedade.

SOUSA MENDES
Aaron - se Deus quiser que vocês
se voltem a encontrar, dar-vos-á
os meios para isso. Entretanto--

AARON
(interrompendo)
Não acredito. Já não acredito em
nada!

O rapaz sacode o braço de Sousa Mendes e corre na direcção da porta da casa.

SOUSA MENDES

Aaron!

O rapaz não pára e o cônsul observa-o, triste. Depois olha o relógio.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - ARRECADAÇÃO - NOITE

Aaron entra a correr na arrecadação que agora lhe serve de quarto, e atira-se para cima da cama. Abre a mala onde guarda as suas poucas posses e procura ansiosamente.

Encontra finalmente a CHAVE de ferro que a mãe lhe ofereceu, e aperta-a contra o peito, deitado de costas, a olhar para o tecto.

INT. SALA DE JANTAR DO HOTEL MAJESTIC - NOITE

A sala de refeições de um grande hotel tradicional. Os hóspedes jantam à luz dos candelabros. Sousa Mendes e Andréé estão a meio da refeição.

SOUSA MENDES

(nervoso)

Sabes muito bem que não posso desistir agora. Estamos numa corrida contra o tempo.

ANDRÉE

Se não o fazes por mim, pelo menos pelos teus filhos.

SOUSA MENDES

Por favor, não coloques as coisas assim. Não se trata de ti, nem de mim, nem da minha família.

ANDRÉE

Mas, Aristides--

SOUSA MENDES

Tenta entender, Andréé. Somos apenas peões num jogo que nos ultrapassa. Mas até um peão pode dar cheque-mate.

Andréé baixa a cabeça, triste.

SOUSA MENDES

E não te preocupes comigo. O Salazar entenderá aquilo que estou a fazer.

ANDRÉE

Não é contigo que estou preocupada. Os meus motivos são mais egoístas...

O cônsul olha para ela, com uma mistura de curiosidade e paternalismo.

SOUSA MENDES

Porquê...?

ANDRÉE

Estou grávida, Aristides.

Olha-o nos olhos. O cônsul ficou abalado com a revelação.

ANDRÉE

Ainda não se nota, mas não faltará muito.

SOUSA MENDES

Há... quanto tempo sabes?

ANDRÉE

Desde que vim de Paris.

Sousa Mendes perde toda a reserva e agarra na mão de André.

SOUSA MENDES

Foi por isso que me procuraste, naquele dia?

ANDRÉE

Sim.

SOUSA MENDES

Devias ter-me dito logo.

ANDRÉE

Teria feito alguma diferença?

Um silêncio.

André olha Sousa Mendes por um instante, esperando uma resposta. Depois, quando se apercebe que ela não virá, solta a mão da mão do cônsul e levanta-se.

ANDRÉE

Com licença.

Sousa Mendes levanta-se, educadamente, mas não diz nada. Fica de pé vendo-a afastar-se.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - CORREDOR - NOITE

Sousa Mendes entra em casa, com ar cansado e abatido. Ouvem-se vozes vindas da sala, que cantam em coro uma canção anarquista espanhola: "UM BALABUM BALABUM BABA".

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE JANTAR - NOITE

Sousa Mendes entra na sala. A atmosfera está menos agitada. As luzes estão apagadas. Há velas por todo o lado e as pessoas sorriem enquanto cantam em coro.

O rabino Krueger aproxima-se de Sousa Mendes.

RABINO KRUGER

(sorrindo)

Canções republicanas e
anarquistas em sua casa, meu
caro cônsul? Deve ser novidade.

SOUSA MENDES

Já nada me surpreende, meu
amigo.

O rabino olha o cônsul, interrogativo. Sousa Mendes afasta-se.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE ESTAR - NOITE

Sousa Mendes entra na sala vazia. As vozes que cantam em coro continuam a fazer-se ouvir, abafadas.

O cônsul senta-se ao piano, em silêncio. Pensativo, começa a acompanhar a música que o coro improvisado está a cantar na sala.

Aaron espreita à porta da sala. Sem palavras, entra e vem sentar-se ao lado do cônsul, que olha para ele com uma imensa piedade nos olhos.

Aaron encosta a cabeça ao braço de Sousa Mendes. O cônsul coloca o braço por cima do ombro do rapaz e continua a tocar só com a outra mão.

A voz de Francisco de Almeida sobrepõe-se a estas vozes.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

Cantávamos à beira da fogueira
que ia consumir o mundo.

FIM DO
FLASHBACK

INT. RESTAURANTE - NOITE

O restaurante já está vazio. Francisco de Almeida fala perdido nas suas recordações.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Cantávamos para afastar o medo,
como se fosse a última vez.

Olha para Alexandra, que o observa absolutamente fascinada.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Já deve estar cansada de me ouvir...

ALEXANDRA

Não, não! Nem um pouco, maestro. Estou pronta para ficar aqui a noite toda.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Mas eu estou cansado. E amanhã é um dia muito longo...

Alexandra regressa à realidade.

ALEXANDRA

Sim, claro. Que estupidez. Desculpe a minha insensibilidade...

A jornalista não encontra palavras para expressar as emoções que a agitam naquele momento.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Desculpe o quê, menina? Acha que eu não estou gostando?

(pausa)

Onde é que está hospedada?

ALEXANDRA

Na Pousada de Santa Luzia.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Muito boa escolha. Porque não almoçamos lá amanhã?

O maestro não espera a resposta e levanta o braço para chamar o chefe. Alexandra observa-o, pensativa.

INT. TÁXI - NOITE

E é pensativa que Alexandra, na viagem de táxi em direcção à pousada, observa pela janela do carro a lua que se recorta contra o céu escuro.

EXT. HOTEL TROPICAL - NOITE

Alexandra paga ao taxista, à porta do hotel. Olha para a recepção, mas prefere dirigir-se a um muro de onde se pode ver a paisagem: a lua cheia, recortada contra um céu impossivelmente negro, salpicado de estrelas, reflecte-se nas águas lisas do rio, e as luzes da cidade, lá em baixo, desenham um padrão vivo na densa escuridão.

Alexandra senta-se no muro baixo, olhando para aquela paisagem de cortar a respiração. Um sorriso sereno faz brilhar o seu rosto bonito.

EXT. ÁTRIO DO SANTUÁRIO DE SANTA LUZIA - DIA

CRIANÇAS de uma escola sobem a correr as escadarias que conduzem ao Santuário de Santa Luzia, uma igreja imponente que parece guardar a cidade de Viana do Castelo.

Alexandra observa-as, acompanhada por Francisco de Almeida. Os dois caminham em frente do Santuário, sob o sol que brilha forte no céu muito azul.

FRANCISCO DE ALMEIDA

A última vez que vim aqui, foi com a minha mãe adoptiva. Ela fez-me prometer que não morreria sem voltar, para agradecer as bençãos da minha vida.

(sorri)

O engraçado é que, apesar de na altura eu não perceber, ela tinha razão: tenho muitas bençãos para agradecer.

ALEXANDRA

Tais como? Perdeu a sua família, o seu país, as suas origens...

FRANCISCO DE ALMEIDA

Mas tive outra família, outro país... e a música. A música.

Fica sonhador por um instante, como se a simples menção da palavra o transportasse para um universo diferente. Depois regressa à realidade.

FRANCISCO DE ALMEIDA

E amigos, e saúde, e sucesso, e a minha quota de paixões. Não posso me queixar.

(olha Alexandra)

Deixe-lhe mostrar uma coisa, Alexandra.

O maestro retira do bolso do seu elegante casaco de linho uma velha CHAVE de ferro.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Falei-lhe nela ontem, lembra-se?

Estende-a para Alexandra, que a recebe e fecha na mão, comovida.

ALEXANDRA

Sim...

FRANCISCO DE ALMEIDA

De que serve uma chave se não soubermos que porta abre?

Alexandra tenta disfarçar a emoção que está a sentir.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Para mim essa chave sempre foi a do meu futuro. Quando tinha medo, imaginava-me abrindo com ela a porta de um lugar maravilhoso.

(pausa)

Quando morrer, esta pequena superstição morre comigo.

Alexandra volta a olhar a chave, e depois devolve-a ao maestro. Olha para as crianças que estão agora a entrar no santuário, em fila indiana.

ALEXANDRA

Ou talvez não.

FLASHBACK - INT. CASA DE SOUSA MENDES - QUARTO - DIA

Sousa Mendes, o rabino, Seabra, Pedro Nuno e Silvério, escutam um discurso de Churchill em torno do rádio sobre uma pequena mesa ao lado da cama.

VOZ DE CHURCHILL (NO RÁDIO)

O que aconteceu em França não muda a nossa posição nem os nossos objectivos. Somos agora o único paladino armado que luta pela defesa da causa comum e faremos os possíveis para merecer essa honra.

Os presentes entreolham-se. Compreendemos o que cada um pensa ao longo do discurso de Churchill. A expressão de Seabra é de cepticismo. O rabino aprova as palavras do primeiro-ministro em silêncio. Silvério mostra-se impassível. Pedro Nuno acompanha o discurso com gestos entusiastas.

VOZ DE CHURCHILL (NO RÁDIO)

Defenderemos a nossa ilha e, com o Império Britânico, seremos invencíveis. Lutaremos até que a ameaça hitleriana que pesa sobre a humanidade desapareça. Estamos convencidos de que, no final, tudo voltará à normalidade.

Ouvem-se os primeiros acordes do hino inglês. Sousa Mendes desliga o rádio e suspira, preparando-se para a sequência dos acontecimentos.

SEABRA

O Churchill está muito enganado. Eles não se vão aguentar sozinhos.

SILVÉRIO

Não sei; os ingleses estão habituados a lutar por conta própria.

PEDRO NUNO

E o mar está do lado deles!

SEABRA

Hmm... o mar. Trinta quilómetros de água não é muito.

(para Sousa Mendes)

O que é que o senhor cônsul acha? O Churchill aguenta sozinho esta guerra?

Sousa Mendes está pensativo e não responde.

SILVÉRIO

Ele não está só. Mesmo deste lado do canal ainda tem muitos amigos.

RABINO KRUGER

Até os alemães os descobrirem e esmagarem.

PEDRO NUNO

Ó rabino, onde é que está a sua fé?

RABINO KRUGER

Está onde deve estar: em Deus. Porque nos homens, infelizmente, já não tenho nenhuma.

PEDRO NUNO

E o senhor, pai? O que acha?

Olham para Sousa Mendes, esperando resposta. O cônsul vira-se.

SOUSA MENDES

Acho que não é altura para discussões de café. Temos muito a fazer.

Toda a gente olha para ele. O cônsul faz o sinal da cruz à frente da imagem da Virgem sobre a mesa-de-cabeceira e, depois de uma pequena oração silenciosa, vira-se para os amigos.

SOUSA MENDES

Também nós temos uma batalha a travar. E vamos vencê-la.

Ao passar à frente do espelho, alinha maquinalmente o nó da gravata e sai com um passo enérgico.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - CORREDOR - DIA

Sousa Mendes atravessa o corredor. Alguns refugiados alojados em sua casa afastam-se para lhe dar passagem.

Aaron espreita da porta da sala. O cônsul estende a mão chamando-o.

SOUSA MENDES

(em voz alta)

Anda, Aaron! Também preciso de ti.

Aaron segue o cônsul, intrigado.

INT. CONSULADO - PATAMAR - DIA

Fila disciplinada de refugiados. Deixam respeitosamente passar Sousa Mendes. Um homem dirige-se a ele.

HOMEM

Sr. Cônsul, eu--

SOUSA MENDES

(interrompendo-o
sem se deter)

Meu amigo, não diga "eu". De agora em diante, diga antes "nós". Vamos dar vistos a toda a gente.

E põe-se a falar como se estivesse numa tribuna.

SOUSA MENDES

Vou dar vistos a todos os que aqui estão, e aos que vierem aí. Não esperaram em vão. Todos terão vistos! Independentemente da nacionalidade, raça ou religião, ou da vossa situação pessoal. Pessoa alguma será discriminada.

Estas palavras são acolhidas com aplausos.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

Sobressaltando-se com a entrada precipitada de Sousa Mendes, a funcionária Michelle deixa cair um monte de passaportes que tentava arrumar.

SOUSA MENDES

Não tem importância, Michelle. Mas veja debaixo da secretária. Não quero perder um único desses passaportes!

A mulher agacha-se para apanhar os passaportes. O rabino Kruger e Aaron entram na sala.

SOUSA MENDES

(procurando)

Onde é que está o carimbo? Aqui está.

(para Aaron)

Queres dar-nos uma ajuda, jovem?

Aaron abana timidamente a cabeça.

SOUSA MENDES

Então vais fazer o seguinte...

Abre um dos passaportes e carimba-o.

SOUSA MENDES

Vais carimbar estes passaportes todos para eu os assinar depois, está bem?

Solene, mas feliz, Sousa Mendes, entrega o carimbo ao jovem. Seabra, com um grande livro de registos na mão, entra na sala.

SOUSA MENDES

Por favor, Michelle. Essa gaveta vazia à esquerda, ponha-a sobre a minha secretária.

RABINO KRUGER

(atencioso)

Eu trato disso.

SOUSA MENDES

Espere. Tenho outra tarefa para si.

Tira outro carimbo da gaveta.

SOUSA MENDES

Carimbe também, rabino.

Seabra olha o carimbo, espantado.

SEABRA

Senhor cônsul, esse carimbo... não é dos vistos. É dos emolumentos.

SOUSA MENDES

Pois vai ter de servir. Trabalho em cadeia... Como no filme de Charlot, "Os Tempos Modernos".

SEABRA

Desde que ninguém seja engolido pela máquina. É preciso registar todos estes vistos e cobrar os encargos.

Pedro Nuno e Silvério entram também na sala. Sousa Mendes atira os primeiros passaportes devidamente carimbados e assinados para a gaveta colocada sobre a secretária.

SOUSA MENDES

Claro, Seabra, claro...

(olhar cúmplice
para com o rabino)

Ao menos alguém respeita o princípio de Fichte: "mesmo em pleno caos, é preciso ordem."

PEDRO NUNO

(irónico)

Sendo Fichte alemão não será talvez a máxima mais adequada.

SOUSA MENDES

(rebetando a rir)

No caso actual é bastante apropriada.

Sousa Mendes dirige-se ao filho e a Silvério.

SOUSA MENDES

Vão a casa buscar aqueles cestos grandes onde pomos a roupa para passar a ferro. Esta gaveta está quase cheia.

Pedro Nuno e Silvério saem da sala. O rabino e Aaron carimbam aplicadamente. O ruído surdo do carimbar dos passaportes ganha um ritmo quase musical.

Seabra franze o sobrolho quando vê um passaporte que o cônsul lhe acabou de estender.

SEABRA

(alarmado)

Passou visto a este?

SOUSA MENDES

(sem parar)

Hum hum...

SEABRA

(protestando
debilmente)

Mas está caducado!

SOUSA MENDES

As pessoas só caducam quando morrem.

SEABRA

(com um suspiro)

Ai, meu Deus...!

Sousa Mendes para de assinar e olha para ele, gozão.

SOUSA MENDES

Seabra?! Conseguiu! Muito bem!

Os outros param também o trabalho.

SEABRA

(inquieto)

Consegui o quê?

SOUSA MENDES

Dizer "Meu Deus". Toda a gente ouviu.

SEABRA

(confuso)

Que Deus me perdoe, mas... era apenas uma exclamação.

SOUSA MENDES

(num tom severo)

De forma alguma. Foi uma invocação. Deus observa-nos e eu prefiro "estar com Ele contra os homens do que com os homens contra Ele". Sabe quem disse isto?

Seabra encolhe os ombros, desistindo.

RABINO KRUGER

Foi Santo Agostinho, se não me engano.

Sousa Mendes olha para o outro homem, um pouco surpreendido. Depois interpela Seabra.

SOUSA MENDES

Ouviu? O rabino estudou o nosso santo filósofo e você não.

SEABRA

Os meus conhecimentos religiosos são bastante rudimentares.

SOUSA MENDES

(retomando o seu trabalho)

O importante é a prática. Ajuda o próximo como a ti próprio.

RABINO KRUGER

Ou então, ama o próximo como a ti mesmo.

SOUSA MENDES

Estamos todos de acordo.

Seabra abana a cabeça e joga mais um passaporte para dentro da gaveta pousada na sua secretária.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - NOITE

A mesma gaveta, agora completamente cheia de passaportes, e iluminada pela luz fraca de um candeeiro aceso sobre a secretária. As janelas estão fechadas

O rabino Kruger, Aaron, Pedro Nuno e Sousa Mendes, em mangas de camisa, continuam a trabalhar. Deitam agora os passaportes para um cesto de roupa que também está quase cheio.

PEDRO NUNO

Pára, Aaron. Agora é a minha vez.

Ligeiro protesto de Aaron. Pedro Nuno começa a carimbar passaportes.

SOUSA MENDES

Só eu é que não posso ser substituído.

(num tom lúgubre)

Por enquanto...

Seabra entra na sala com outro cesto de roupa, que pousa sobre a secretária.

SEABRA

Faça uma pausa, senhor cônsul. A este ritmo, não vamos conseguir registar todos os vistos.

SOUSA MENDES

Nesta guerra, não há pausas, nem armistício, nem vencidos. Não gaste as folhas de registo, Seabra.

SEABRA

Mas já dispensámos os selos...

SOUSA MENDES

E havemos de dispensar mais coisas.

O telefone toca. Sousa Mendes faz um sinal a Seabra para atender.

SEABRA

Estou? Como está, doutor?

(para Sousa Mendes)

É o vice-cônsul de Bayonne.

(para o telefone)

Vou ver se ele pode atender.

(para Sousa Mendes)

Ele já não sabe o que fazer e quer pedir-lhe instruções.

Sousa Mendes pega no telefone.

SOUSA MENDES

(cordial)

Meu caro Vieira Braga, diga lá?

(pausa)

Não se preocupe com isso, homem.

Enquanto o cônsul não voltar é você quem manda.

(pausa)

Não... De forma alguma! A circular 14 não se aplica aqui.

(pausa)

Eu assumo a responsabilidade, com certeza. O senhor está sob a minha jurisdição.

Olha para as pessoas que pararam de trabalhar para o ouvir e faz-lhes sinal para continuar.

SOUSA MENDES

Não me interprete mal. Não é um chefe que lhe fala, mas toda a humanidade. Nada receie. Confirmarei por escrito o que lhe estou a dizer. Emita todos os vistos que puder. Aqui, nós somos o governo.

Sousa Mendes continua a ouvir e perde a boa disposição.

SOUSA MENDES

Muito bem. Se quiser, sou eu quem lho ordena. Absolutamente! Adeus. E disponha.

SEABRA

Esse Vieira Braga vai dar-nos problemas.

SOUSA MENDES

Ó Seabra! Você só vê o mal nas pessoas.

SEABRA

E infelizmente raras vezes me engano.

INT. CONSULADO - CASA DE BANHO - NOITE

Sousa Mendes está a lavar a cara, em mangas de camisa.

Olha-se ao espelho, enquanto seca a cara. Puxa a pálpebra de um olho para baixo, verificando a pupila vermelha. O seu cansaço é evidente.

INT. CONSULADO - CORREDOR - NOITE

Sousa Mendes sai da casa de banho e dá de caras com Amorim. O funcionário espera-o.

SOUSA MENDES

Sim, Amorim...?

AMORIM

Senhor cônsul - venho entregar-lhe a minha carta de resignação.

O homem estende um envelope fechado, mas o cônsul não o recebe.

SOUSA MENDES

Fique com ela. Não vou aceitá-la agora. Quando terminarmos, se ainda a quiser entregar, terei todo o prazer em recebê-la.

AMORIM

Tem de aceitar - agora! Recusome a tomar parte no que se está a passar aqui.

SOUSA MENDES

E, segundo você, o que é que se está a passar aqui?

AMORIM

Um acto de traição. A circular 14 é bem clara--

SOUSA MENDES

(interrompendo)

A circular 14 é um erro lamentável que estamos a tentar corrigir. Agora, vá trabalhar!

Amorim vira as costas e afasta-se, furioso.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - NOITE

Há ainda mais refugiados na sinagoga do que os que vimos antes.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

Sempre que podia, ia à sinagoga procurar a minha irmã ou os meus pais... ou alguém que tivesse notícias deles, fossem quais fossem.

O jovem Aaron anda pela sinagoga a fazer perguntas. As pessoas abanam negativamente a cabeça. Depois de ter olhado atentamente à sua volta, Aaron dá meia volta e volta a sair.

EXT. RUAS DE BORDÉUS - NOITE

Os candeeiros de iluminação pública estão apagados. Alguns transeuntes, entre os quais Aaron, caminham sem objectivo.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)

Há momentos em que mais vale ouvir más notícias do que sentir o vazio de não ouvir nenhuma.

EXT. RUA DO CONSULADO PORTUGUÊS EM BORDÉUS - NOITE

Aaron aproxima-se da casa onde agora está hospedado, caminhando pela sombra, evitando ser visto.

A rua está agora vazia - já não há refugiados a dormir. Olha em redor, procurando os polícias, mas não há sinal deles. Prepara-se para atravessar a rua, quando vê a porta do consulado abrir-se.

Amorim mete a cabeça de fora da porta e espreita em redor, com ar suspeito. Aaron estaca, mantendo-se escondido.

O funcionário sai do consulado, carregando um dos cestos de roupa cheios de passaportes. Dirige-se a um carro estacionado um pouco à frente e coloca o cesto na grande bagageira. Depois regressa ao consulado, sempre observado por Aaron.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE ESTAR - NOITE

Sousa Mendes, ainda vestido como o vimos antes, está sentado num sofá, com a cabeça encostada para trás, a dormir profundamente.

A porta da sala abre-se e Aaron irrompe na sala. O cônsul acorda, espavorido.

AARON

Cônsul! Consul!

SOUSA MENDES

Sim... hmmm... o que é...?
Calma, Aaron, calma!

AARON

Estão a roubar os passaportes!

Sousa Mendes nem hesita. Levanta-se como uma mola e segue Aaron. Antes de sair da sala hesita e volta atrás. Abre uma gaveta de uma escrivaninha mas não vemos o que foi lá procurar.

EXT. CONSULADO PORTUGUÊS - PATAMAR - NOITE

Amorim sai do consulado com mais um cesto cheio de passaportes. A sua expressão muda radicalmente...

... quando depara com o cônsul Sousa Mendes e Aaron à sua frente. Os dois homens enfrentam-se por um momento em silêncio.

SOUSA MENDES

Agora deu em ladrão, Amorim?

AMORIM

O Salazar há de me perdoar.
Deixe passar, Sousa Mendes.

Sousa Mendes ergue a mão, na qual tem um pequeno REVÓLVER, que aponta a Amorim.

SOUSA MENDES

Não posso.

O outro homem fica petrificado quando vê a arma. Mas logo recupera o sangue-frio e dá mais um passo.

AMORIM

Você sabe que eu tenho razão.

SOUSA MENDES

Admitamos que sim. Está disposto a morrer por ela?

(pausa)

Eu estou...

Olhos nos olhos. Um silêncio que parece durar uma eternidade, até que...

AMORIM

O senhor passou muito além dos limites, Sousa Mendes. E vai pagar por isso.

SOUSA MENDES

Cale-se e entre.

Amorim vira-se para o interior do consulado e entra, seguido pelo cônsul. Aaron fica para trás, com a admiração estampada no rosto.

INT. CONSULADO - ATENDIMENTO - DIA

Seabra e Michelle entregam os passaportes aos refugiados que, numa fila ordenada, os recebem calmamente. O secretário está a procurar numa caixa onde dezenas de passaportes estão arrumados alfabeticamente.

SEABRA

Chaim... Chaim... Chaim
Silverstein... aqui está.

Retira um molho de passaportes presos com um cordel, que entrega a um JUDEU TRADICIONAL.

Aaron, com um copo de leite e uma sanduíche num tabuleiro de prata, passa pela fila e dirige-se à porta que liga...

INT. CONSULADO - CORREDOR - DE SEGUIDA

... ao corredor que conduz ao gabinete do cônsul. Vamos atrás dele até entrar...

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

...na sala de trabalho que está completamente transformada. As portas estão escancaradas e os móveis foram empurrados contra as paredes. As secretárias estão juntas e formam uma mesa enorme em forma de T. Vários VOLUNTÁRIOS carimbam os passaportes que chegam em gavetas e cestos. Sousa Mendes, com a camisa encharcada em suor, continua a assinar passaportes uns atrás dos outros. O filho mais velho, Pedro Nuno, está ao seu lado a carimbar.

Aaron dirige-se a Sousa Mendes.

AARON
Senhor cônsul...

SOUSA MENDES
(sem parar de
assinar)
Agora não, Aaron. Mais tarde.

AARON
É só um copo de leite.

Pousa o copo de leite à frente do cônsul mas, num gesto desajeitado, entorna-o por cima de alguns passaportes.

SOUSA MENDES
Olha o que fizeste!

O trabalho em cadeia é interrompido. Sousa Mendes limpa os passaportes com papel mata-borrão. Aaron está à beira das lágrimas.

SOUSA MENDES
Estão todos encharcados. Que porcaria!

PEDRO NUNO
Não se preocupe, pai.

SOUSA MENDES
Agora que vou dizer ao dono deste passaporte? Que fazemos piqueniques no consulado? Está inutilizado! Todo empapado!

PEDRO NUNO
Não se aflija, pai. Está a fazer uma tempestade num copo de água.

O cônsul acalma-se.

SOUSA MENDES
Num copo de leite, queres tu dizer...

As pessoas riem-se, mas Aaron abandona a sala a correr. Sousa Mendes corre atrás dele.

EXT. RUA DO CONSULADO DE BORDÉUS - DIA

Aaron passa a correr pela fila de refugiados que esperam na rua. Alguns voluntários recolhem os seus passaportes. Dois agentes da polícia continuam de sentinela à porta do consulado. Faz calor.

SOUSA MENDES
Aaron!

Aaron estaca mas não se vira.

SOUSA MENDES

Tens de perdoar-me.

AARON

(num tom choroso)

Não fiz de propósito...

SOUSA MENDES

Eu sei. Não te ofendas.

(soltando um

suspiro)

Quando tudo isto terminar,
daremos uma grande festa em
Lisboa.

(tentado animar

Aaron)

E tu vais dançar com as minhas
filhas, está bem? Uma delas é
mesmo da tua idade.

AARON

Prefiro ficar em Bordéus.

SOUSA MENDES

Sabes que não podes, Aaron.

AARON

Quero encontrar a minha irmã.

SOUSA MENDES

Vamos deixar um visto para a tua
irmã na sinagoga. Vais ver que a
encontras em Lisboa.

(pausa)

Já não há outro sítio para onde
ir, Aaron.

O cônsul acolhe o garoto nos braços perante o olhar
curioso das pessoas que estão na bicha.

Uma dessas pessoas sai da fila. É a mulher jovem que
vimos no início - a mãe do bebé Moshe.

A mulher avança na direcção de Aaron e Sousa Mendes.

MULHER JOVEM

Tu... tu não és...?

Aaron limpa as lágrimas e olha para ela. Não está a
conhecer a mulher.

SOUSA MENDES

Sim...? O que deseja?

MULHER JOVEM

(para Aaron)

O meu bebé - Moshe - foste tu,
não foste...?

Aaron sorri. Reconheceu-a finalmente.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE ESTAR - DIA

A mãe de Moshe está agarrada ao seu bebé, chorando em silêncio. Sarah e o rabino observam, comovidos.

MULHER JOVEM

Moshe, Moshe... Meu bebé...

Olha para Aaron, que está de pé junto ao cônsul.

MULHER JOVEM

Obrigado... obrigado...

Sousa Mendes debruça-se para Aaron.

SOUSA MENDES

Estás a ver? Os milagres acontecem.

(pausa)

Um dia também vais encontrar a tua irmã.

AARON

Promete?

SOUSA MENDES

Prometo.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - ARRECADAÇÃO - NOITE

Aaron dorme na pequena arrecadação onde montou o seu quarto improvisado. Um ENORME ESTRONDO abana a casa, acordando-o subitamente.

Caem objectos. Ouvem-se CRIANÇAS QUE GRITAM, assustadas. Ouvem-se aviões e percebemos que se trata de um bombardeamento. Aaron levanta-se, assustado, e corre para...

INT. CASA DE SOUSA MENDES - CORREDOR - DE SEGUIDA

... o corredor da casa, que começa a ficar cheio de pessoas e crianças, ainda vestidas com os seus pijamas e camisas de noite. Um SEGUNDO ESTRONDO, mais próximo, abana a casa e arranca novos GRITOS DE MEDO das crianças.

SARAH

Venham cá!

O BARULHO DAS BOMBAS mistura-se com o dos CANHÕES. As crianças agarram-se às mães. Apenas Aaron não tem ninguém para tratar dele. Encosta-se contra um armário e espera. O rabino Kruger surge também no corredor.

RABINO KRUGER

Tenham calma. Não tenham medo!

É seguido por Sousa Mendes.

SOUSA MENDES
 Silêncio! Afastem-se das janelas
 e dos vidros.

Os ESTRONDOS diminuem de intensidade. O cônsul,
 encostado a uma parede, espreita pela janela. O rabino
 vem colocar-se do outro lado da janela.

SOUSA MENDES
 Devem estar a combater no porto.

RABINO KRUGER
 Para quê?

SOUSA MENDES
 Para assustar as pessoas.

Clotilde repara em Aaron, que parece mais sozinho do
 que nunca. Aproxima-se dele e coloca-lhe uma mão por
 cima do ombro.

O rabino espreita também pela janela. Agora o silêncio
 é total.

RABINO KRUGER
 Mas se já ganharam esta
 guerra...

SOUSA MENDES
 É para precipitar a rendição. Em
 breve teremos os alemães a
 marchar por aqui a dentro.

A calma regressa novamente à cidade.

SOUSA MENDES
 Temos de nos apressar.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

A mão de Sousa Mendes assina mais um passaporte.

MARECHAL PETAIN NO RÁDIO
 A inferioridade do nosso
 material de guerra era ainda
 maior do que o número dos nossos
 soldados.

Quando termina abre-o na primeira página e vemos que
 tem o seu próprio nome, Aristides de Sousa Mendes.

O cônsul, sentado na sua secretária, parece indiferente
 à proclamação de Pétain que se ouve na rádio.

LEGENDA: 20 de Junho de 1940

A sala está agora quase vazia, embora ainda continue
 com a configuração de móveis que vimos na última vez.

MARECHAL PETAIN (NO RÁDIO)

A aviação francesa combateu na proporção de um contra seis. Menos fortes do que há 22 anos, tínhamos igualmente menos aliados.

Sousa Mendes guarda o seu passaporte no bolso do casaco e estende a mão para Michelle, a funcionária que o está a ajudar agora.

SOUSA MENDES

O seguinte...

Ela passa-lhe outro passaporte já selado. Desta vez, ele assina apenas o seu último apelido: "Mendes".

Tentando ouvir o discurso de Pétain, a mulher passa distraidamente outros passaportes ao cônsul. Este assina-os rapidamente com a sua nova rubrica, como que em estado de transe.

EXT. ESPLANADA DO CAFÉ - DIA

Aaron entra na esplanada de um café, espreitando de mesa em mesa. Continua incessantemente a sua busca. Um rádio transmite o fim do discurso do Marechal.

MARECHAL PETAIN (NO RÁDIO)

Muito poucos soldados, muito poucas armas, muito poucos países amigos... eis as razões da nossa derrota.

O rádio começa a tocar "A Marselhesa" e várias pessoas levantam-se. Aaron dirige-se a um VELHOTE.

AARON

Senhor...

O homem olha irritado para Aaron.

VELHOTE

(irritado)

Cala-te! Não ouves o hino, ó judeuzinho?

Aaron cala-se, assustado. O velho endireita-se, muito patriota, olhando Aaron pelo canto do olho. A música termina e as pessoas voltam a sentar-se.

LOCUTOR (NO RÁDIO)

Acabámos de ouvir a declaração dirigida pelo marechal Pétain aos franceses neste momento trágico...

O patrão apaga o rádio.

VELHOTE

Ao menos por este os alemães têm respeito.

HOMEM 2

O quê? O Pétain? He he he...
Está a ver-se o respeito, está.

O velhote olha para Aaron.

VELHOTE

Ainda aqui estás? Desaparece!

Aaron olha o homem com raiva. Depois agarra num croissant e foge da esplanada.

VELHOTE

Eh!

O velhote levanta-se e dá um passo atrás dele.

VELHOTE

Anda cá, ladrão!

Aaron dobra a esquina e desaparece de vista.

VELHOTE

Viram isto? Viram?

HOMEM 2

Você é que começou...

VELHOTE

Não suporto estes judeus.

(raivoso)

Se eu fosse o Pétain, punha-os na rua num instante.

INT. CONSULADO - GABINETE DE SOUSA MENDES - DIA

O cônsul está a arrumar passaportes dentro de envelopes de papel, sozinho, quando o TELEFONE da sua secretária toca. Atende.

SOUSA MENDES

Sim...?

INT. CONSULADO - ATENDIMENTO - DIA

Sousa Mendes surge à porta da zona de atendimento, caminhando em passo rápido enquanto veste o casaco. Seabra e o rabino Krueger, que estão a conversar ao balcão, olham para ele.

SOUSA MENDES

Venha comigo, rabino! Vamos passear.

(para Seabra)

Tome conta do forte, Seabra.

EXT./INT. ESTRADA PARA BAYONNE - DIA

O automóvel conduzido por Sousa Mendes atravessa os campos franceses, ultrapassando carroças apinhadas de gente que foge. Outras pessoas seguem pela estrada a pé.

O cônsul olha preocupado para aquela cena dantesca.

SOUSA MENDES

Tanta gente...

O rabino Krueger, também triste, não responde.

INT. GABINETE DO CÔNSUL EM BAYONNE - DIA

A mesma bandeira portuguesa e as mesmas fotografias de Carmona e Salazar que se viam no gabinete de Sousa Mendes. Contudo, os móveis são mais modestos e as divisões mais pequenas. Um único sofá em couro bastante gasto.

FARIA MACHADO, 40 anos, um homem pequeno vestido com uma elegância meticulosa, transmite instruções a uma FUNCIONÁRIA, entregando-lhe um molho de passaportes

FARIA MACHADO

Pode entregar estes, que já têm os vistos.

A funcionária, um pouco incomodada, aponta os outros passaportes espalhados sobre a secretária

FUNCIONÁRIA

E aqueles?

FARIA MACHADO

Vão ter de esperar.

FUNCIONÁRIA

Mas há imensa gente lá fora.

FARIA MACHADO

Se começarem a incomodar, podemos sempre chamar a polícia.

Olhar entristecido da funcionária.

Nesse momento, a porta abre-se bruscamente e Sousa Mendes entra na sala. Faria Machado e a funcionária ficam de boca aberta.

SOUSA MENDES

Queira desculpar não me ter feito anunciar, mas eu faço parte da família, por assim dizer. O consulado de Bayonne continua sob a jurisdição do consulado de Bordéus, não é verdade?

FARIA MACHADO

(abismado)

Até um certo ponto...

(para a
funcionária)

Pode retirar-se.

Ela dirige-se para a porta, mas Sousa Mendes intercepta-a. Aponta os passaportes que ela leva.

SOUSA MENDES

Posso ver?

A funcionária entrega-lhe os documentos. Sousa Mendes verifica os passaportes. Faria Machado faz sinal à mulher para sair.

SOUSA MENDES

(lendo os nomes nos
passaportes)

Príncipe Carlos de Habsburgo...
A duquesa de Parma, muito bem...
O marquês de Montaste, do
Luxemburgo, claro... Robert de
Rotíssima, este dispensa
apresentações... Tudo pessoas
como deve ser!

Atira os passaportes para a secretária.

SOUSA MENDES

Pode sentir-se orgulhoso, Faria
Machado, acaba de salvar grandes
nomes... Nobreza, altas
finanças... está tudo aí.

Faria Machado coloca a mão em cima dos passaportes, puxando-os para si.

SOUSA MENDES

Não os quer misturar com os
outros? Com estes?

Sousa Mendes pega ao acaso num dos outros passaportes e abre-o.

SOUSA MENDES

Abraçam Ludovico... quem será
este tipo?

(encolhendo os
ombros)

Não conheço.

(outro passaporte)

Camilha Prestava. Este nome não
lhe diz nada? A mim também não.

(outro passaporte)

Julgues Mester? A mesma coisa...

Atira os passaportes para cima da mesa, para junto dos outros.

SOUSA MENDES

Todos párias... apátridas,
pessoas sem nome. Judeus. E por
que razão não mereceram eles a
sua compaixão?

O outro homem não responde.

SOUSA MENDES

Eles estão à espera lá fora.
Dependem de si, Faria Machado!

FARIA MACHADO

Se isso fosse verdade...

SOUSA MENDES

É verdade. E o senhor vai passar-
lhes os vistos de que precisam.

FARIA MACHADO

Eu tenho ordens do Ministério a
proibi-lo. E vou cumpri-las.

SOUSA MENDES

Então porque lhes desobedeceu,
quando se tratou de príncipes e
marquesses?

Faria Machado olha em desafio para Sousa Mendes.

FARIA MACHADO

Seja realista, Sousa Mendes! Nós
não somos Deus.

O cônsul de Bordéus arrebanha com a mão todos os
passaportes espalhados na secretária do outro homem.

SOUSA MENDES

Tem alguma gaveta vazia, um
cesto... um saco?

FARIA MACHADO

(alarmado)
Que vai fazer?

SOUSA MENDES

Concorrência.

FARIA MACHADO

Não conte comigo para as suas
loucuras.

Sousa Mendes olha à sua volta à procura de qualquer
coisa onde possa transportar os passaportes e os seus
olhos caem sobre a bandeira portuguesa presa entre os
retratos de Salazar e de Carmona. Sousa Mendes arranca
a bandeira da parede e, abrindo-a sobre a secretária,
atira para lá todos os passaportes.

FARIA MACHADO

Está doido! Isso é um
sacrilégio.

SOUSA MENDES
 Sacrilégio é deixar essa gente
 morrer sem fazer nada.

Sousa Mendes fecha a bandeira sobre os passaportes,
 formando uma espécie de saco que coloca ao ombro.

SOUSA MENDES
 Passe bem!

Sai da sala. Faria Machado permanece sentado à frente
 da sua secretária, como se uma tempestade houvesse
 passado por ali.

INT. CORREDOR DO CONSULADO DE BAYONNE - DIA

Sousa Mendes, com a bandeira transformada em saco ao
 ombro, atravessa uma divisão onde a funcionária está
 debruçada sobre um livro de registros, com o rabino
 Krueger ao lado. À sua frente estão alguns REFUGIADOS
 JUDEUS.

SOUSA MENDES
 Vamos embora!
 (para os
 refugiados)
 E os senhores também!

Os homens agitam-se, e hesitam. A funcionária olha para
 ele, surpreendida, e depois para o rabino. O rabino
 limita-se a encolher os ombros. Já nada o surpreende.

EXT. ESPLANADA DE UM CAFÉ EM BAYONNE - DIA

Sousa Mendes, seguido pelo rabino e por alguns dos
 refugiados que vimos antes, chega a uma esplanada de um
 café, perto do consulado português.

Joga a bandeira para cima da mesa, abre-a, revelando os
 passaportes, e puxa uma cadeira para se sentar.

INT. GABINETE DO CONSULADO DE BAYONNE - DIA

Um espaço vazio no local onde antes estava a bandeira.
 Faria Machado fala ao telefone.

FARIA MACHADO
 Ele está completamente doido. É
 preciso fazer qualquer coisa.
 (pausa)
 Uma investigação leva várias
 semanas. É necessário tomar
 medidas urgentes.

O cônsul de Bayonne está perto da janela do gabinete.

FARIA MACHADO
 Não sei... Fechar o consulado de
 Bordéus... Ele cobre as nossas
 instituições de ridículo!

Olha pela janela.

PONTO DE VISTA DE FARIA MACHADO

Sousa Mendes, sentado à mesa da esplanada, assina
 vistos que entrega directamente aos refugiados.

FARIA MACHADO (O.S.)
 Está a emitir vistos no meio da
 rua! É inaudito!

DE VOLTA À CENA

Faria Machado, exaltado, continua a espreitar à janela.

FARIA MACHADO
 O senhor embaixador tem de vir
 cá imediatamente.
 (pausa)
 Obrigado, obrigado.

EXT. ESPLANADA DE UM CAFÉ EM BAYONNE - DIA

Enquanto o rabino Krueger distribui os passaportes,
 Sousa Mendes assina-os rapidamente. A bandeira
 portuguesa cheia de passaportes está desdobrada sobre
 uma outra mesa.

SOUSA MENDES
 Acalme as pessoas, rabino.
 Haverá vistos para toda a gente.

RABINO KRUGER
 Calma. Não se impacientem. Façam
 fila.

SOUSA MENDES
 (bem disposto)
 Se nos esmagarem, acabam-se os
 passaportes...

O rabino sorri e continua a distribuição.

RABINO KRUGER
 Elias Janiper... Garcia
 Pricater... Violeta Fischer...

A funcionária que vimos antes aproxima-se timidamente
 da mesa.

FUNCIONÁRIA
 Posso ajudá-lo?

SOUSA MENDES
 Não. Não quero prejudicar a sua
 carreira.

FUNCIONÁRIA

Sou livre de fazer o que quero.
Hoje já acabei o meu serviço no
consulado.

SOUSA MENDES

Então, trabalhe connosco. E não
permita nunca que lhe roubem a
liberdade da sua própria
consciência.

O rabino Krueger sorri com as palavras do cônsul e
continua a entregar os passaportes.

RABINO KRUGER

Samuel Aboad... Abraham
Brudovic... Esther Appelman...

Quando lê este nome, o rabino pára e olha para a mulher
que tem em frente.

Esta não é Esther, a irmã de Aaron. Embora tenha
algumas parecenças com ela, é claramente mais velha.

FALSA ESTHER

Sim...

O rabino olha para Sousa Mendes. O cônsul, que está a
assinar os passaportes sem olhar sequer para os nomes,
levanta-se também.

RABINO KRUGER

É a irmã do Aaron?

A mulher olha para os dois, atrapalhada.

FALSA ESTHER

Eu... o Aaron...
(hesita)
Sim... sou...

O cônsul olha-a, desconfiado, e adianta-se.

SOUSA MENDES

Sabe se ele já conseguiu passar
a fronteira, com a mulher e os
filhos?

O rabino olha para o cônsul. A mulher sorri, aliviada.

FALSA ESTHER

Sim... conseguiu. Falei ontem
com ele pelo telefone. Correu
tudo bem.

Sousa Mendes exalta-se e agarra o braço da mulher.

SOUSA MENDES

Onde é que você conseguiu este
passaporte?

FALSA ESTHER

Largue-me...

SOUSA MENDES

Fale imediatamente. Onde está a verdadeira Esther?

A mulher desfaz-se em lágrimas.

FALSA ESTHER

Por favor... a culpa não é minha.

RABINO KRUGER

Onde é que ela está?

FALSA ESTHER

Ela... ela morreu. Foi morta por ladrões.

A mulher junta as mãos numa súplica.

FALSA ESTHER

Juro que não fui eu. Por favor, acreditem. Eu só comprei o passaporte. Ela já estava morta... Não fui eu...

Sousa Mendes solta-lhe o braço e olha para o rabino Krueger. A expressão dos dois homens traduz o peso que lhes vai no coração.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - SALA DE ESTAR

Aaron está sentado ao piano, ao lado de Clotilde, a ensaiar escalas. Fá-lo com uma expressão de concentração total e revela uma facilidade natural com o instrumento.

Sousa Mendes abre a porta da sala sem fazer barulho. O cônsul e o rabino Krueger olham a cena por alguns instantes. Depois entram na sala. O garoto olha para eles e sorri.

AARON

Ouça, senhor cônsul.

Começa a tocar um pequeno TRECHO MUSICAL, entusiasmado, mas a expressão dos dois homens não muda. Clotilde percebe que algo se passa.

SOUSA MENDES

Clotilde... precisamos de falar com o Aaron.

Clotilde levanta-se e Aaron pára de tocar. A MÚSICA CONTINUA, contudo, sobrepondo-se ao resto da cena e às cenas seguintes.

Clotilde afasta-se e abandona a sala, mas não fecha a porta.

INT. CASA DE SOUSA MENDES - CORREDOR - DE SEGUIDA

Clotilde fica parada na sombra, no corredor. Pela porta entreaberta vê (mas não ouve) Sousa Mendes a falar com Aaron. O garoto abana a cabeça negativamente, primeiro devagar, depois com mais força.

Os olhos de Clotilde enchem-se de lágrimas.

O rabino Krueger estende o passaporte a Aaron. O garoto aceita-o, quase em choque.

Clotilde fecha a porta.

EXT. ENTRADA DA SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

CRIANÇAS, CASAIS e VELHOS entram numa camioneta de caixa aberta parada à frente da sinagoga. A MÚSICA que vem da cena anterior continua a ouvir-se.

Aaron está sentado na caixa do camião, com a sua mala, e um ar muito sério.

Subitamente, o garoto volta a descer. O rabino vê-o refugiar-se novamente na sinagoga.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

Aaron caminha de um lado para o outro na sinagoga quase vazia, como se procurasse qualquer coisa. Os seus passos ressoam. As últimas famílias apressam-se a abandonar o local. Ainda se ouve a MÚSICA que vem da cena anterior.

EXT. ENTRADA DA SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

O rabino Kruger ajuda as crianças e os velhos a entrar na camioneta, mas após um momento, dirige-se para a sinagoga. Continua a ouvir-se a MÚSICA.

INT. SINAGOGA DE BORDÉUS - DIA

O rabino entra na sinagoga agora vazia.

A MÚSICA que vem das cenas anteriores termina.

RABINO KRUGER

Aaron, onde estás?

Não há resposta. De repente, vê Aaron perto do altar. Dirige-se a ele.

RABINO KRUGER

(aproximando-se)

Então, Aaron, que estás a fazer?

Aaron olha para o rabino. Este repara então que o rapaz colocou um passaporte em cima do altar.

AARON

Nada...

O rapaz vira-se para se afastar. O rabino deixa-o passar e depois agarra no passaporte. Abre-o. É o documento de Esther.

O rabino suspira fundo e olha para Aaron, que se afasta. Depois volta a colocar o passaporte em cima do altar, deixando a mão em cima dele durante alguns instantes, como numa benção.

EXT. ESTRADA PARA HENDAYE - DIA

Como na estrada para Bayonne, refugiados de toda a espécie e condição social tentam alcançar a fronteira espanhola. Carroças, automóveis grandes e pequenos, pessoas que avançam a pé em silêncio e de forma ordenada.

A camioneta que transporta os refugiados da sinagoga de Bordéus segue no meio desta fila.

O rabino Kruger está ao lado do motorista, ao passo que a mulher e os filhos vão atrás com os outros. Aaron encontra-se entre eles.

EXT. HENDAYE - DIA

Alguns REFUGIADOS rodeiam uma mesa instalada num pequeno jardim. Sousa Mendes e Seabra, ajudados por VOLUNTÁRIOS, trabalham febrilmente debaixo de uma árvore onde está presa a bandeira portuguesa. Estão esgotados.

SEABRA

Carimbo também os bilhetes de identidade?

SOUSA MENDES

Se não houver passaporte, sim. Carimbe tudo, Seabra. Bilhetes de identidade, folhas de papel, tudo o que houver. A minha assinatura validará tudo.

SEABRA

Os espanhóis podem levantar problemas na fronteira.

SOUSA MENDES

Temos que ter fé, Seabra. É em momentos como este que nos apercebemos que ainda há pessoas de boa vontade.

Como que para desmentir as palavras do cônsul, um grande automóvel preto do corpo diplomático sai de uma rua e avança ominosamente na direcção deles.

Uma pequena bandeira de Portugal tremula numa vareta na frente do carro.

Seabra olha o cônsul, enquanto o carro estaciona do outro lado da praça. Sousa Mendes continua a assinar, imperturbável.

Um MOTORISTA em uniforme apeia-se e atravessa o pequeno jardim. Sousa Mendes, muito calmo, suspende o que está a fazer e levanta-se.

SOUSA MENDES
(para Seabra)
Continue, Seabra. Vou
desempenhar uma delicada missão
diplomática.

Sousa Mendes segue o motorista.

EXT./INT. AUTOMÓVEL DIPLOMÁTICO - DIA

Sousa Mendes entra no automóvel. O embaixador de Portugal em Madrid, TEOTÓNIO PEREIRA, 40 anos, estatura elevada, expressão grave está sentado no banco de trás. LOPO SIMEÃO, 35 anos, pequeno, anafado e vestido de maneira elegante, encontra-se ao lado do motorista.

SOUSA MENDES
(num tom agradável)
Senhor embaixador, não esperava
encontrá-lo em Hendaye.

TEOTÓNIO PEREIRA
Não estou aqui por gosto, como
pode imaginar. Apresento-lhe
Lopo Simeão, funcionário dos
Negócios Estrangeiros.

Sousa Mendes e Lopo Simeão cumprimentam-se com um aceno de cabeça.

LOPO SIMEÃO
Recebeu o telegrama do professor
Salazar?

SOUSA MENDES
(fingindo surpresa)
Telegrama?! Para onde é que foi
enviado?

LOPO SIMEÃO
Para o seu consulado em Bordéus,
naturalmente.

SOUSA MENDES
Estes últimos dias, tenho
trabalhado sobretudo no
exterior.

TEOTÓNIO PEREIRA
Estou a ver...

Lopo Simeão desdobra uma folha de papel e entrega-a ao cônsul.

LOPO SIMEÃO

Aqui tem uma cópia.

Sousa Mendes lança uma olhadela ao telegrama. Olhar de cumplicidade entre os dois outros diplomatas.

SOUSA MENDES

Destituem-me das minhas funções consulares...

TEOTÓNIO PEREIRA

Foi substituído pelo senhor Simeão. E deixa de poder emitir vistos.

LOPO SIMEÃO

A partir de hoje, todos os vistos que assinar serão ilegais e anulados!

TEOTÓNIO PEREIRA

E mesmo os que assinou anteriormente. A circular 14 é bastante clara sobre essa matéria.

Sousa Mendes olha pela janela e vê chegar nesse instante a camioneta onde se encontra Aaron.

EXT. PRAÇA DE HENDAYE - DIA

A camioneta estaciona e o rabino Kruger desce. Aaron é o primeiro a saltar para terra e corre para se lhe juntar. Os dois avançam na direcção de Seabra.

EXT./INT. AUTOMÓVEL DIPLOMÁTICO - DIA

Sousa Mendes volta a olhar os dois diplomatas.

TEOTÓNIO PEREIRA

(friamente)

O seu comportamento irreflectido está a minar as boas relações entre Portugal e Espanha... e outros países.

SOUSA MENDES

A Espanha só tem que autorizar a passagem.

LOPO SIMEÃO

O governo espanhol não quer pessoas dessas no país deles. E nós também não.

Sousa Mendes olha para a sua mesa e vê o rabino Krueger e Aaron, que falam com Seabra. Todos olham na direcção do carro.

SOUSA MENDES

Ninguém os quer.

TEOTÓNIO PEREIRA

Salazar ordena que regresse imediatamente a Lisboa.

SOUSA MENDES

Tenho as minhas coisas todas em Bordéus.

TEOTÓNIO PEREIRA

Não faz mal. É para lá que vamos agora.

Sousa Mendes amachuca o telegrama e joga-o para perto do embaixador.

SOUSA MENDES

Não posso. Agora, se me permitem...

Abre a porta e sai do automóvel. O embaixador debruça-se para o olhar.

TEOTÓNIO PEREIRA

(frio)

Sabe o que acontece se desobedecer a uma ordem directa do Salazar, não sabe?

SOUSA MENDES

Sei. Mas também sei o que acontece se lhe obedecer.

(fecha a porta)

Boa viagem.

Teotónio Pereira faz sinal ao motorista, que liga o motor.

O carro arranca, observado por Sousa Mendes. O cônsul espera um momento, recuperando a calma, e depois vira-se para encarar Seabra, Aaron e o rabino, que o observam à distância.

FIM DO
FLASHBACK

INT. RESTAURANTE DA POUSADA - DIA

Alexandra e Francisco de Almeida estão agora sentados no restaurante da Pousada, numa mesa junto a uma das vidraças que dão para o jardim.

O maestro serve um copo de vinho a Alexandra.

FRANCISCO DE ALMEIDA

E foi assim que terminou o sonho do cônsul de Bordéus. Com dois burocratas numa limusine, escondendo-se atrás de ordens superiores.

ALEXANDRA

As coisas não mudaram muito desde então. Ainda é assim que morrem a maior parte dos sonhos.

O maestro ergue o seu copo, para brindar.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Ao cônsul!

ALEXANDRA

Ao cônsul!

Batem os copos e bebem um golo em silêncio.

ALEXANDRA

Quantos vistos conseguiu Sousa Mendes emitir?

FRANCISCO DE ALMEIDA

Cerca de 30.000...

ALEXANDRA

Trinta mil?!

FRANCISCO DE ALMEIDA

É incrível, não é? Trinta mil pessoas salvas num único mês. Imagina quantas poderiam ter sido salvas se houvesse mais homens de coragem como ele?

Alexandra fica pensativa.

ALEXANDRA

Não fazia ideia de que fossem tantos...

FRANCISCO DE ALMEIDA

Ninguém faz. Mas ele não se ficou por aí.

FLASHBACK - EXT./INT. FRONTEIRA ESPANHOLA - DIA

O automóvel conduzido por Sousa Mendes avança lentamente pela estrada, por entre uma multidão de refugiados. Outros automóveis seguem-no, bem como o camião de caixa aberta.

Aaron, o rabino Kruger e a sua família acompanham o cônsul. O carro avança tão devagar que acaba por parar.

Sousa Mendes sai do automóvel e sobe para o estribo, espreitando para longe. O rabino sai do outro lado.

Um HOMEM DE BICICLETA vem no sentido contrário.

SOUSA MENDES
Porque é que não avançamos?

HOMEM DA BICICLETA
Parece que estão a fechar a
fronteira.

SOUSA MENDES
A esta hora?!

Sousa Mendes volta a entrar no carro e sai da estrada, acelerando pela berma, levantando poeira e protestos.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO DE IRUN - DIA

DOIS SOLDADOS controlam uma pequena multidão que se acumula no exterior do posto, protestando.

PESSOAS
- Não nos podem impedir a
passagem.
- A minha mulher já passou,
porque não me deixam passar
também?
- Recuso-me a voltar a França.

Sousa Mendes, seguido pelo rabino Kruger, abre caminho através da multidão e mostra o seu passaporte diplomático a um dos soldados. Este faz-lhe sinal para passar.

INT. POSTO FRONTEIRIÇO DE IRUN - DIA

Retrato de Franco e bandeira espanhola na parede. Um OFICIAL da guarda civil, sentado displicentemente de botas em cima da secretária, descasca uma maçã com uma navalha toledana.

Sousa Mendes e o rabino entram no posto, mas o oficial mal olha para eles.

SOUSA MENDES
(em espanhol)
Bom dia.

OFICIAL
Boas...

SOUSA MENDES
Porque é que esta gente não
avança?

OFICIAL
A entrada em Espanha está
temporariamente interdita. Será
necessário resolver primeiro a
questão dos passaportes.

SOUSA MENDES

Que questão?

O oficial olha desagrado para Sousa Mendes.

OFICIAL

Parece que os vistos foram emitidos de forma irregular. Aguardo instruções de Madrid.

SOUSA MENDES

Sou o cônsul de Portugal em Bordéus e posso dar-lhe a minha palavra em como os vistos são válidos.

O oficial pega ao acaso num dos passaportes amontoados em cima da secretária e atira-o para a frente de Sousa Mendes.

OFICIAL

Esta assinatura é sua?

Sousa Mendes mostra-lhe o seu próprio passaporte.

SOUSA MENDES

Pode verificar. Aristides de Sousa Mendes.

O oficial leva uma fatia de maçã à boca e encolhe os ombros.

OFICIAL

E como é que sei se você é o cônsul?

SOUSA MENDES

Pode perguntar ao general Franco. Somos amigos pessoais.

O oficial quase engole a maçã. Levanta-se de repente, pondo-se em sentido.

OFICIAL

Don Aristides... Não sabia--

SOUSA MENDES

Mas agora já sabe.

OFICIAL

(atrapalhado)
Claro. Com certeza.

Coloca o chapéu e dirige-se à porta, dando ordens aos soldados.

OFICIAL

Atenção! Todos os portadores de passaportes assinados com "Sousa Mendes" podem passar a fronteira.

SOUSA MENDES
 (corrigindo a
 pronúncia)
 Sousa Mendes.

OFICIAL
 (pondo-se em
 sentido)
 Perdão.
 (para os soldados)
 Sousa Mendes.

Olhar cúmplice entre o cônsul e o rabino.

SOUSA MENDES
 Posso esperar aqui até que toda
 a gente passe a fronteira?

OFICIAL
 (cortês)
 Faça o favor, Don Aristides...
 Sente-se. Será nosso convidado.

Sousa Mendes senta-se pesadamente limpando o suor com um lenço.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO DE IRUN - DIA

O rabino Krueger ajuda os refugiados a desembarcar.

RABINO KRUGER
 Vamos embora! Tenham os
 passaportes na mão. Não deixem
 nada para trás!

Aaron salta do carro, para vir ajudar.

AARON
 Vamos lá, depressa! Não há tempo
 a perder.

Os refugiados começam a atravessar a fronteira ordenadamente, mostrando os passaportes. O momento é de alguma alegria e alívio.

O rabino Krueger e a família deixam-se ficar para trás, ajudando os outros refugiados.

A mulher jovem, com o bebê Moshe ao colo, atravessa a fronteira. Vira-se para trás e faz adeus a Aaron. O rapaz retribui com um aceno e um sorriso aberto.

INT. POSTO FRONTEIRIÇO DE IRUN - DIA

Sousa Mendes está a dormir, sentado numa cadeira, com a cabeça encostada à parede. A sala está vazia.

Acorda sobressaltado. Olha em redor, como se estivesse a pressentir qualquer coisa. Levanta-se e precipita-se para a saída.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO DE IRUN - DIA

O sol põe-se. Sousa Mendes sai do posto fronteiriço e olha em direcção à fronteira.

Os soldados estão novamente a vedar a passagem aos refugiados, que já são relativamente poucos. O oficial supervisiona a operação, de mãos na cintura.

SOUSA MENDES

O que é que se passa?

O oficial espanhol sorri, cínico.

OFICIAL

Don Aristides... o amigo pessoal de Franco.

SOUSA MENDES

Porque é que estão a fechar a fronteira?

OFICIAL

Recebi instruções de Madrid.

(pausa)

Para recusar a entrada a todos os passaportes visados por si.

Uma barreira baixa à frente dos refugiados que se acumulam frente à fronteira.

SOUSA MENDES

Mas ainda há pouco--

OFICIAL

(interrompendo)

Ainda há pouco o senhor mentiu-me e eu fui estúpido em pensar que lidava com um cavalheiro. Tem sorte por eu não o prender.

SOUSA MENDES

Isso queria eu ver.

Os dois homens enfrentam-se por um momento, até o oficial se afastar com um gesto de desprezo.

OFICIAL

Vá-se embora, Don Aristides. E leve os seus amigos consigo. Aqui não passa nem mais um.

O rabino aproxima-se de Sousa Mendes. O cônsul perdeu todo o ânimo, como um balão que se esvaziou.

RABINO KRUGER

O que houve, Aristides?

SOUSA MENDES

A minha assinatura. Assinei os passaportes para os salvar e, afinal, agora é a minha assinatura que os prende aqui.

Sousa Mendes é o rosto do desespero. O rabino não sabe o que dizer.

RABINO KRUGER

Calma, Aristides. Vamos arranjar uma solução.

SOUSA MENDES

Solução? Já não há solução. Foi tudo em vão, tudo.

RABINO KRUGER

"Desde que Moisés venceu o mar Vermelho, não receamos mais nada".

Sousa Mendes abana a cabeça, pouco convencido.

SOUSA MENDES

Moisés tinha um aliado muito forte, mas que parece ter-se esquecido de nós.

RABINO KRUGER

Não fale assim, Aristides!
(em voz baixa)
Esta gente precisa de si. Eu preciso de si.

SOUSA MENDES

E o que é que eu posso fazer?

RABINO KRUGER

Não sei. E se formos para outro posto fronteiriço...?

SOUSA MENDES

Não adianta. Neste momento já foram todos avisados...
(hesita)
... ou talvez não.

Sousa Mendes volta a sorrir para o rabino

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - PERTO DO CARRO - DIA

O cônsul aponta com o dedo num mapa uma pequena localidade na fronteira, Alvelos.

SOUSA MENDES

Aqui, em Alvelos! Já passei por lá. É um pequeno posto perdido na montanha.

O mapa está estendido sobre o tampo do motor do carro de Sousa Mendes. Os homens estão reunidos em redor. Aaron subiu para o pneu do carro para ver melhor.

SOUSA MENDES

Se bem me recordo, nem telefone tinham. É a nossa melhor possibilidade.

RABINO KRUGER

Só vamos chegar lá de noite.

SOUSA MENDES

É mais uma coisa que joga a nosso favor.

O rabino olha em redor, mas só hesita por um instante.

RABINO KRUGER

Vamos, então!
(para os
refugiados)
Para os carros, depressa!

Aaron salta imediatamente, correndo para arrebanhar as crianças. Toda a gente entra num turbilhão de actividade. O rabino corre para o camião, ajudando as pessoas a entrar.

Sousa Mendes entra no seu carro e põe o motor em marcha.

SOUSA MENDES

Aaron! Queres vir comigo?

Aaron nem hesita. Contorna o veículo e salta para o lugar do passageiro. Tem consigo apenas uma bolsa de couro, que leva pendurada ao ombro.

EXT. ESTRADA DE MONTANHA - ENTARDECER

A caravana, agora composta pelo camião de caixa aberta e mais meia dúzia de veículos, segue o automóvel que avança lentamente.

Subitamente, um avião alemão, voando baixo, cruza o céu por cima deles.

INT. AUTOMÓVEL DE SOUSA MENDES - NOITE

Aaron espreita pela janela do carro.

AARON

Um avião!

Sousa Mendes olha para cima, inquieto.

SOUSA MENDES

São os alemães... Estão a chegar.

Aaron olha para o cônsul, apercebendo-se da gravidade da situação.

SOUSA MENDES

Temos de ir mais depressa.

Sousa Mendes coloca o braço de fora e faz sinal ao camião que o segue, para andar mais depressa.

EXT. ESTRADA DE MONTANHA - ENTARDECER

O carro de Sousa Mendes acelera um pouco mais, seguido pelos outros veículos. Continuam pela estrada da montanha, agora numa zona cheia de curvas e contracurvas.

Um outro avião - ou será o mesmo ? - volta a passar por cima deles.

INT. AUTOMÓVEL DE SOUSA MENDES - ENTARDECER

Sousa Mendes volta a espreitar para o céu, tentando perceber a trajectória do avião.

AARON

Acha que ele nos viu?

O cônsul hesita um momento.

SOUSA MENDES

Não. Acho que não - as árvores protegem-nos.

AARON

Falta muito?

SOUSA MENDES

Dez quilómetros.

O cônsul continua a conduzir em silêncio.

INT. CAMIÃO - ENTARDECER

O rabino Krueger, ao lado do MOTORISTA do camião, também olha para o céu, preocupado.

EXT. ESTRADA DE MONTANHA - ENTARDECER

A pequena caravana de veículos está agora numa zona, junto à encosta da montanha, que ladeia a estrada do lado direito de quem sobe.

Desta estrada conseguem ver-se as terras mais baixas, atravessadas por uma estrada de maior importância.

EXT./INT. AUTOMÓVEL DE SOUSA MENDES / ESTRADA -
ENTARDECER

Aaron, que segue debruçado pela janela, espreitando a paisagem, vê qualquer coisa ao longe.

AARON

Ali! Lá em baixo!

O cônsul estica o pescoço mas não consegue ver. Pára o carro e sai do veículo, espreitando na direcção em que Aaron aponta.

Os outros veículos param também.

PONTO DE VISTA DE SOUSA MENDES

Na estrada que serpenteia pelas terras mais baixas segue UMA COLUNA MILITAR alemã.

DE VOLTA À CENA

O rabino Krueger junta-se a Sousa Mendes.

SOUSA MENDES

Os alemães chegaram! Depressa!

Corre para o seu automóvel.

SOUSA MENDES

Tragam os carros para o outro lado da estrada.

Toda a gente obedece. O cônsul entra no seu carro e puxa-o para a faixa contrária, estacionando o mais longe possível da encosta e das vistas de quem vai lá em baixo.

Sousa Mendes, Aaron e o rabino voltam a vir até à beira da estrada, sobre a encosta. Agacham-se.

PONTO DE VISTA DE SOUSA MENDES

A coluna militar alemã continua na mesma direcção em que seguia, afastando-se.

DE VOLTA À CENA

O rabino olha Sousa Mendes.

RABINO KRUGER

Parece que não nos viram...

SOUSA MENDES

Mas não há tempo a perder.

EXT. CURVA DA ESTRADA - NOITE

A coluna segue lentamente, agora com os faróis acesos. Ao chegar a uma curva da estrada Sousa Mendes desliga as luzes do seu carro e avança com cautela.

Pára o carro e sai antes da curva. Avança a pé até à curva, olhando para cima, em direcção ao posto fronteiriço. Aaron vem para perto dele.

SOUSA MENDES

Parece que está tudo bem.

Vira-se e faz sinal aos restantes veículos para avançarem.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - NOITE

O posto é apenas uma pequena barraca de madeira cercada por uma varanda, situada logo depois da curva da estrada. A curva esconde a caravana de refugiados.

Um CABO e um SOLDADO estão sentados sobre um banco, fumando tranquilamente um cigarro.

O carro de Sousa Mendes dobra a curva e avança para eles. À sua chegada os dois soldados precipitam-se para as suas espingardas.

CABO

(de pistola em
punho)

Que querem? A fronteira está fechada.

INT. AUTOMÓVEL DE SOUSA MENDES - NOITE

Sousa Mendes pára o automóvel e observa a atitude agressiva dos soldados espanhóis. Limpa o rosto encharcado de suor, penteia-se e ajeita a roupa.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - NOITE

Sousa Mendes sai do carro com o passaporte diplomático na mão fazendo um sinal de saudação. Solta um longo suspiro e dirige-se para o posto.

SOUSA MENDES

(em castelhano)

Boa noite, meus senhores. Chamo-me Aristides de Sousa Mendes e sou cônsul de Portugal em Bordéus.

(mostra o
passaporte)

Foram avisados da minha chegada?

CABO

(resignado)

Como? Não temos telefone.

SOUSA MENDES

Não sabia. Venho acompanhado por alguns amigos e queremos voltar a Portugal.

CABO
A fronteira está fechada. Só
podem passar amanhã.

SOUSA MENDES
(indolente)
Nesse caso, esperamos.

O rabino Krueger franze a testa, espantado, e olha Sarah.

SOUSA MENDES
Como é que posso contactar San
Sebastian?

CABO
Já lhe disse que não temos
telefone.

SOUSA MENDES
É verdade... É uma situação
bastante lastimável.

O cabo está intrigado.

SOUSA MENDES
(para o rabino)
O mais provável é perdermos o
comboio. Que decepção para o
general Franco.

CABO
Franco...?!

SOUSA MENDES
(para o cabo)
Sim. O general pôs o comboio à
nossa disposição, e afinal...
para nada.

O cabo olha para o soldado, sem saber o que fazer. O
soldado baixa a arma e faz-lhe um gesto com a cabeça.
Os dois estão aflitos.

CABO
O senhor é cônsul?

SOUSA MENDES
Já lhe disse que sim.

CABO
(hesitando)
E todos os seus amigos têm
passaportes?

SOUSA MENDES
Visados por mim próprio,
evidentemente!

CABO

Nesse caso...

(hesita)

Vamos ver os passaportes.

Sousa Mendes esconde com dificuldade a sua alegria. Enquanto o soldado e o cabo verificam os passaportes, a barreira é erguida e os refugiados começam a atravessar a fronteira espanhola a pé, sob o olhar espantado dos guardas.

CABO

(dirigindo-se ao
cônsul)

Tem muitos amigos...

SOUSA MENDES

Graças a Deus! E espero vir a
ter ainda mais...

Sousa Mendes fica parado, observando. Imensa gente quer agradecer-lhe, mas ele esquivava-se, embaraçado.

Aaron, que está perto do rabino, afasta-se.

AARON

Vou ter com o cônsul.

RABINO KRUGER

Aaron!

O rapaz corre, metendo-se pelo meio das pessoas. O rabino ainda o olha por um instante, mas depois distrai-se com Sarah e os seus próprios filhos.

Aaron atravessa a fila de pessoas e olha para trás, certificando-se de que não está a ser visto pelo rabino. Depois inflecte a direcção e volta para trás, às escondidas.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - NOITE

O rabino Kruger e a família apressam-se na direcção da fronteira. Sousa Mendes continua lá.

SOUSA MENDES

Está na hora de nos despedirmos.
Perdoe-me não vos acompanhar,
mas tenho de voltar a Bordéus.

RABINO KRUGER

Quando é que nos voltaremos a
ver?

SOUSA MENDES

Dentro de alguns dias estarei em
Lisboa.

SARAH

Nunca o esqueceremos.

SOUSA MENDES

O pior já passou.

Sarah e os filhos avançam para a fronteira. O rabino olha à volta, procurando.

RABINO KRUGER

O Aaron não está consigo?

SOUSA MENDES

Não o vi.

O rabino faz menção de voltar para trás, mas os soldados verificam já os passaportes da sua família.

RABINO KRUGER

Onde é que ele se meteu?

(chamando)

Aaron! Aaron!

SARAH

Deve ter passado à frente.

RABINO KRUGER

Aaron! Aaron!

O rabino olha para a família. Sarah faz-lhe sinal.

RABINO KRUGER

E se ele não passou...

SOUSA MENDES

Não se preocupe. Eu estou ainda aqui.

O rabino hesita ainda, mas Sousa Mendes insiste.

SOUSA MENDES

Vão, vão! Até breve!

Sousa Mendes fica a ver o rabino e a família afastarem-se e desaparecerem na noite. Depois vira-se e afasta-se.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - NOITE

Sousa Mendes, encostado ao seu carro, está a fumar um cigarro. O cabo aproxima-se dele.

CABO

Já passaram todos, senhor cônsul.

O cônsul estende-lhe a cigarreira e o cabo retira um cigarro, que coloca atrás da orelha. Sousa Mendes insiste e o homem tira mais uns quantos cigarros, que guarda no bolso da farda.

SOUSA MENDES

Não ficou nenhuma criança?

CABO

Não.

O cônsul abana a cabeça, pensativo, e depois endireita-se.

SOUSA MENDES

Bom - então... obrigado por tudo.

O cabo põe-se em sentido e faz-lhe continência, respeitoso.

INT. AUTOMÓVEL DE SOUSA MENDES - NOITE

Sousa Mendes, sozinho, conduz o seu automóvel pela escura estrada de montanha, em sentido contrário. Tem um ar de alívio misturado com cansaço.

Assobia baixinho um tema popular da época. Apesar de tudo, está satisfeito.

Um carro cruza-se com ele, no sentido contrário. O cônsul olha-o pelo retrovisor, estranhando, mas continua a conduzir.

Subitamente, ouve um BARULHO SURDO de pancada, seguido por outro. Olha à volta, interrogando-se sobre a origem do som.

O BARULHO repete-se e agora ouve-se uma VOZ ABAFADA. O cônsul espanta-se e trava bruscamente o carro.

EXT. ESTRADA DE MONTANHA - NOITE

Sousa Mendes sai do carro apressadamente e abre o porta-bagagens.

Aaron está no interior. Endireita-se e respira fundo.

AARON

Haaa... que alívio.

SOUSA MENDES

Aaron! O que é que fazes aqui?

AARON

Onde é que estamos?

SOUSA MENDES

Ainda em França. Mas toda a gente já passou a fronteira. Como é que vais atravessar agora?

AARON

(erguendo-se)
Eu não quero ir. Quero ficar consigo.

SOUSA MENDES

Não podes, Aaron. Se os alemães te descobrirem não posso fazer nada para te proteger.

AARON

Não me interessa! A minha irmã--

SOUSA MENDES

(interrompendo-o)

A tua irmã morreu! Morreu, Aaron! Mete isso na cabeça de uma vez por todas.

Aaron baixa a cabeça. Foi o último golpe na sua esperança. Sousa Mendes respira fundo.

SOUSA MENDES

Sai daí. Temos de voltar depressa.

EXT./INT. ESTRADA / AUTOMÓVEL DE SOUSA MENDES - NOITE

O carro de Sousa Mendes põe-se em movimento e faz uma inversão de marcha na estrada estreita. Depois acelera no sentido contrário.

No interior, Sousa Mendes e Aaron seguem em silêncio.

O carro come os quilómetros, avançando depressa demais para aquela hora e estrada.

SOUSA MENDES

Vamos, vamos!

Finalmente dobram a curva e avistam o posto fronteiriço. O carro que se cruzou com eles alguns minutos atrás ainda lá está, mas já tem as luzes acesas, preparando-se para partir. O dono do carro, ROGÉRIO DE ALMEIDA, um português bem vestido, de 40 anos, regressa ao seu lugar com os passaportes na mão.

Sousa Mendes BUZINA repetidamente.

EXT. POSTO FRONTEIRIÇO - NOITE

No posto fronteiriço, o cabo e o viajante português olham para o carro que se aproxima, buzinando e fazendo sinais de luzes.

A esposa do viajante, CLARA, uma mulher de aspecto distinto, olha também para o automóvel do cônsul, que se aproxima a grande velocidade e trava perto deles, derrapando um pouco.

O cabo avança, espantado.

CABO

Senhor cônsul...?!

Sousa Mendes sai do carro, apressado. Aaron deixa o veículo do outro lado. O cônsul aproxima-se do casal de viajantes.

SOUSA MENDES
 (para o cabo)
 O garoto...
 (para o casal)
 Por favor, será que podem levar este rapaz convosco?

Hesitação do casal.

ROGÉRIO
 Connosco? Não sei...

SOUSA MENDES
 Por favor... É um caso urgente.

O homem consulta a esposa com o olhar. Esta faz um ligeiro gesto afirmativo.

ROGÉRIO
 Todos nós somos casos urgentes...
 (para Aaron)
 Entra, rapaz!

Sousa Mendes empurra Aaron para o automóvel.

SOUSA MENDES
 Adeus, Aaron... Vemo-nos em Lisboa.

Aaron não responde. Desvia o olhar do cônsul e olha para a senhora, que o observa com ternura. O marido liga o motor do carro e este põe-se em marcha.

CLARA
 Não tenhas medo.

O automóvel parte e vemos Aaron olhar tristemente Sousa Mendes. Este diz-lhe adeus com a mão, mas o rapaz não se mexe. É a mesma cena que vimos no início.

Ouvimos a voz de Francisco de Almeida.

FRANCISCO DE ALMEIDA (V.O.)
 Perdia a minha família de um lado e via-a aumentar do outro. O cônsul tinha-me encontrado uns pais adoptivos e o mais curioso é que esse casal, que não tinha filhos, me adoptou realmente.

INT. RESTAURANTE DA POUSADA - DIA

O maestro e Alexandra já terminaram a sua refeição. A jornalista olha o homem com uma expressão misteriosa.

FRANCISCO DE ALMEIDA
 Trouxeram-me para o Brasil. Devo-
 lhes tudo o que fui depois dessa
 noite em que o cônsul Sousa
 Mendes cruzou os nossos
 destinos.

Encosta-se para trás.

FRANCISCO DE ALMEIDA
 E foi assim.
 (sorri)
 Acha que este melodrama vai
 interessar aos seus leitores?

Alexandra respira fundo.

ALEXANDRA
 Eu...
 (hesita)
 Eu não fui totalmente sincera
 consigo.

O maestro olha-a, curioso.

FRANCISCO DE ALMEIDA
 E porquê?

ALEXANDRA
 Posso ver a sua chave?

FRANCISCO DE ALMEIDA
 Claro...

O maestro retira a chave do bolso e estende-a a Alexandra. Ela pousa-a na mesa, à sua frente, e abre a sua bolsa.

Retira outra chave exactamente igual, com uma fita de seda azul amarrada, e coloca-a ao lado dela.

Francisco de Almeida olha as duas chaves, estupefacto.

FRANCISCO DE ALMEIDA
 A... outra chave... Mas como?
 (pausa)
 Como é que essa chave está nas
 suas mãos, Alexandra?

Alexandra levanta-se.

ALEXANDRA
 Há uma pessoa que o quer ver,
 maestro.

EXT. VARANDA DA POUSADA DE SANTA LUZIA - DIA

Francisco de Almeida, abalado, segue Alexandra em direcção à varanda exterior da Pousada. Leva as duas chaves na mão.

Uma senhora de 80 e muitos anos está sentada de costas para eles, numa mesa virada para a paisagem magnífica. Só vemos os seus cabelos grisalhos, bem penteados.

Alexandra contorna a mesa e dirige-se à senhora.

ALEXANDRA

Avó... o maestro... Aaron
Apelman.

Francisco de Almeida contorna também a mesa e olha para a senhora. É ESTHER, com 88 anos.

ALEXANDRA

Maestro... a minha avó - Esther
Apelman.

Estende a mão para a velha senhora, que se ergue, trémula, olhando o irmão.

ESTHER

Aaron...

FRANCISCO DE ALMEIDA

Esther...

O maestro avança um passo e depois, movidos por um impulso irresistível, os dois abraçam-se.

Alexandra, os olhos marejados de lágrimas, observa emocionada aquele reencontro impossível.

EXT. VARANDA DA POUSADA DE SANTA LUZIA - MAIS TARDE

Os três estão agora sentados em redor da mesa, com o estuário e o mar como pano de fundo. Francisco de Almeida mantém a mão da irmã agarrada entre as suas.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Eu nunca te procurei. Pensei que
tinhas morrido...

ESTHER

Quase morri, sim.

FLASHBACK - EXT. POSTO DOS CORREIOS DE BORDÉUS - DIA

Esther sai a correr do Posto de Correios. Olha para um lado e para o outro...

... e vê DOIS LADRÕES, um homem e um adolescente, que correm com a sua bolsa, olhando para trás.

ESTHER

Alto! Parem!

Os homens não obedecem e Esther começa a correr atrás deles.

Os dois larápios dobram uma esquina e embrenham-se numa viela estreita.

Esther, desviando-se das pessoas, chega à viela e entra também...

... mesmo a tempo de não ser vista por Aaron, que sai do posto de correios.

AARON

Esther!

EXT. VIELA ESCURA - DIA

Esther entra a correr na viela. Os homens já não estão à vista e Esther trava. Hesita por um momento, mas depois, enchendo-se de coragem, continua a avançar.

Subitamente, o ladrão mais velho sai de um vão escuro, com um pau na mão, e agride-a com violência.

Esther roda e bate com a cabeça contra a parede, desmaiando.

Os dois ladrões olham-na. A chave pendurada ao seu peito saiu e ficou à vista.

O adolescente estende a mão para a roubar, mas o outro homem puxa-o.

LADRÃO

Deixa. Vamos embora.

Os dois afastam-se a correr, levando a bolsa.

EXT. VIELA ESCURA - NOITE

Um POLÍCIA que passa pela boca da viela olha para lá. Continua a andar mas depois volta atrás e entra na viela. Quando dá mais um passo vê os pés de Esther atrás de umas caixas.

INT. HOSPITAL DE BORDÉUS - CORREDOR - NOITE

Um ENFERMEIRO empurra uma maca onde Esther segue, inanimada.

INT. HOSPITAL DE BORDÉUS - ENFERMARIA - DIA

Esther, de olhos abertos mas sem qualquer reacção, está deitada numa cama de uma enfermaria. Com a mão direita apertada a chave de ferro que ainda tem pendurada ao pescoço.

Uma ENFERMEIRA está a lavar-lhe os braços com uma esponja molhada.

ESTHER (V.O.)
Fiquei quase três meses sem
tomar consciência de nada.

Esther mexe os olhos e vira ligeiramente a cabeça.

ESTHER (V.O.)
Quando por fim ganhei forças, a
cidade estava na posse dos
alemães. Tive de inventar uma
identidade, para não ser presa.
Só consegui sair de Bordéus e
rumar a Lisboa no fim da Grande
Guerra.

FIM DO
FLASHBACK

EXT. VARANDA DA POUSADA DE SANTA LUZIA - DIA

Esther aperta também a mão do irmão.

ESTHER
Mas nessa altura já não te
encontrei. Procurei, procurei
por todo o lado - mas não havia
traços de Aaron Apelman.

FRANCISCO/AARON
Encontraste-me agora, Esther.

Agarra na mão da irmã e encosta-a à cara. Começamos a
ouvir UMA ÁRIA DE ÓPERA sobre esta cena.

CORTA PARA:

INT. TEATRO SÁ DE MIRANDA - SALA DE ESPECTÁCULOS -
NOITE

Francisco de Almeida dirige a Orquestra residente do
teatro numa interpretação apaixonada de outra área da
ópera que o vimos ensaiar no início. Estamos agora já
no decurso do espectáculo, com a sala cheia de pessoas
vestidas a rigor.

Num camarote lateral, Alexandra e a avó Esther assistem
à performance de Francisco de Almeida que se transcende
a si próprio na direcção dos músicos. Sobre estas
imagens começam a correr legendas.

LEGENDAS:

*Durante o mês de Junho de 1940 o cônsul de Bordéus
salvou a vida de 30.000 pessoas "independentemente da
sua nacionalidade, raça ou religião."*

*Por causa disso foi afastado da diplomacia e proibido
de exercer a profissão de advogado.*

Morreu em 1955, na miséria, mas a sua memória não foi esquecida.

Em Novembro de 1988, o Parlamento Europeu prestou uma homenagem solene a Aristides de Sousa Mendes.

FIM DAS LEGENDAS.

A música termina triunfalmente e a sala irrompe em aplausos.

FADE OUT.